

Sweet
TORMENT

NEW YORK TIMES BEST-SELLING AUTHOR
GEORGIA CATES



Pegasus *Lançamentos*

Tradução: Daya

Revisão: Sissi, Rabinski

Revisão Final: Kgoes

Verificação: Saidler

Leitura Final: Nishi

Formatação: Shya

9 Anos Tradução

Bram Windsor

A irmãzinha do meu melhor amigo, isso é tudo o que Claudia Bliss é para mim. Minha cabeça continua tentando convencer meu coração, mas ambos sabem que é uma grande mentira.

É o rosto dela que vejo toda vez que fecho meus olhos.

São seus lábios que desejo beijar.

É o toque dela que anseio no escuro.

É a única que amo... mas Claudia está fora de alcance.

É como uma irmã para mim desde o dia em que nasceu. Agora, tudo entre nós está mudando, incluindo o vínculo especial que sempre compartilhamos está mais forte do que nunca e se tornando algo diferente. Algo tão quente. Algo tão proibido.

Minha pequena pombinha está crescendo.

Não importa o quão errado seja, não consigo parar de querê-la. Eu a terei.

Claudia Bliss

Bram Windsor. Amei-o a vida toda.

Durante anos, eu não era nada além de um dos meninos que ele andava.

A irmãzinha de Owen. A pestinha que acompanhava os garotos em todos os lugares. Mas agora, tudo mudou.

Eu cresci e é hora de Bram me ver pelo que sou. Uma mulher. Uma mulher sexy que o quer. Uma virgem mais do que pronta para se entregar a ele.

Não me importo com o que nossos amigos ou familiares dizem. Eu o amo e tudo sobre estarmos juntos parece certo. Eu o terei.

Sweet
TORMENT

AVISO

A tradução em tela foi efetivada pelo grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar o leitor o acesso à obra, incentivando-o a aquisição integral da obra literária física ou em formato E-book.

O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes de qualquer forma de obtenção de lucro, direta ou indiretamente.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for vinculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que devera abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, e bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderam individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria e coparticipação em eventual delito cometido por aquele, que por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro, direto ou indiretamente, responderão nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Capítulo Um

Bram Windsor

— Preciso de vocês para atrapalhar o encontro de Claudia quando ele chegar aqui. — Diz Owen.

— O quê?! Droga. Desde quando Claudia se interessa por caras e tem encontros? Quer dizer que vai a um encontro real? Um aonde o garoto vem para buscá-la?

— Sim, idiota. É o que a maioria dos encontros fazem. Acho que se esqueceu desde que faz tanto tempo que levou uma garota para jantar e ver um filme.

— Jantares e filmes são inúteis quando pode pular toda essa baboseira e ir para o objetivo final. — Meu objetivo final? Foder. Sou sempre claro e honesto sobre o que quero para que ninguém entenda mal ou se machuque. As garotas com quem saio estão atrás da mesma coisa: uma boa foda. Houve algumas que pensaram ser capazes de me mudar, fazer-me amá-las. Tentando me fazer ver que tudo que realmente preciso é uma namorada. Não perco meu tempo e mostro logo a porta a elas.

— Espero que esse bostinha que a acompanha esta noite não pense com seu pau do jeito que você faz.

— Owen você está brincando, não é? Esse garoto é um garoto e tem um pau. Claro, que pensa como eu. Como nós. — Owen, River e eu. — Não acredito que seus pais permitiram Claudia namorar.

— Ela tem dezessete anos, está no colegial. Todas as amigas dela começaram a namorar no ano passado ou no ano anterior, não podiam continuar dizendo não.

— *Besteira*. Eles são os pais, podem dizê-la *não* por quanto tempo quiserem.

— Esqueceu como nós fazíamos com as meninas quando estávamos no ensino médio? — Duas palavras vêm especificamente à mente. — Hannah. Beales.

Owen namorou essa garota por semanas. Mandou flores, escreveu cartas de amor, levou-a para jantar e para assistir filmes. Até comprou um cachorro para dar-lhe nos dias dos namorados. Hannah serviu-lhe a virgindade numa bandeja de prata e depois ele terminou dizendo um rápido adeus. Droga, até eu me senti mal pela garota quando terminou com ela.

— O que fez com Hannah...? Os caras do ensino médio querem fazer o mesmo com Claudia.

— Porra, você está certo.

Não posso evitar o jeito que vejo Claudia. Para mim, ainda é aquela menininha fingindo ser um menino e andando atrás de Owen, River e eu em todos os lugares que íamos. Sempre lutando para nos acompanhar enquanto a poupava, dando tudo de mim para que não se sentisse mal por ficar para trás.

— De jeito nenhum o deixaremos levar Claudia essa noite, não sem ao menos deixarmos claro sobre o que não fará com ela

— Concordo. Chutarei sua bunda se for emo ou gótico. — Diz River. — Não vejo Claudia desde que saí para o semestre de outono, cinco meses atrás. Raramente saía mais de cinco minutos sem ela estar nos meus calcanhares, foi estranho não tê-la por perto, mas o que é mais estranho é como me sinto por não vê-la.

Senti falta da minha pequena pombinha além de qualquer coisa considerada razoável e é uma das razões pelas quais fiquei longe por tanto tempo. *Algo está errado comigo por sentir tanta falta daquela garota. Não é normal.*

Pensei que a separação ajudaria a me curar de qualquer coisa que seja.

Não foi.

River ri.

— Quando foi a última vez que a viu?

— Final de julho, pouco antes de voltar para Chattanooga. — Consegui muitos créditos extras. Pior semestre da minha vida, mas valeu a pena. Eu me formei cedo com um mestrado em contabilidade, consegui um novo emprego e estou feliz por começar minha nova vida.

River ri novamente.

— Isso será divertido.

— O que é divertido?

— Duke!

Viro-me quando ouço Claudia gritar meu apelido especial. Um olhar é tudo o que é necessário, então não preciso mais perguntar o que River queria dizer. O cabelo escuro e grosso de Claudia está mais longo, sempre o usou em tranças ou puxado para trás em um rabo de cavalo através do buraco na parte de trás de seu boné, mas esta noite está com belos cachos. Cílios longos e exuberantes cercam os ímãs de água-marinha, os mesmos olhos que já vi, não menos que um milhão de vezes, mas não consigo parar de encará-los, é como se os visse pela primeira vez. O top vermelho que está usando é sexy para caralho, um daqueles em que contorna o pescoço, deixando os ombros e as costas completamente expostas. Porra, droga, caralho. Seus peitos empinados e mamilos salientes parecem nada menos que a perfeição

pressionando contra o tecido fino.

Meus olhos escaneiam suas pernas de um quilômetro de comprimento, dos tornozelos até os quadris, curvas que está mostrando em seus jeans apertados. *Juro por Deus que aqueles seios e curvas não estavam lá da última vez que a vi, ou teria notado.*

Seus sapatos me excitam. Droga. Nunca a vi usando nada parecido com isso.

Quem é essa mulher linda e sexy no corpo de Claudia Laine Bliss?

Tinha seis anos quando ela nasceu, conheço essa garota toda a sua vida e a maior parte da minha. Desde o tempo em que conseguia andar, passava os dias correndo atrás de Owen, River e eu. Sempre a mais lenta. Sempre a mais fraca. Tão suave, doce e delicada. Escolheria a morte ao admitir um único item desses no passado. Mas nós não nos importávamos, ela era a irmãzinha de Owen.

Nossa irmãzinha.

Aquilo foi antes, isto é agora. E a nossa pequena Claudia não é mais tão pequena.

Claudia corre na minha direção e pula em meus braços, da mesma forma que faz há anos, com as pernas em volta de mim. Mas desta vez parece diferente. Meu

pau imediatamente reconhece as mudanças nela também. O filho da puta ganha vida e chega à total atenção quando seu corpo colide com o meu.

A pele exposta em seu pescoço e ombro me chama como uma sirene. Atraente. Uma maldita sedutora. Dizendo: *Toque-me, Bram. Beije-me. Lamba-me. Você sabe que quer.*

Maldição.

Não... Não... Não. Todos esses pensamentos passando por minha cabeça sobre ela agora está errado. Não é correto, essa é Claudia, a irmãzinha do meu melhor amigo, não uma garota aleatória que foderei e abandonarei antes do amanhecer.

Ainda em volta de mim, segura meus ombros e se afasta, então estamos cara a cara. Tão perto que poderia beijá-la.

— Senti tanto sua falta. Estou muito chateada com você por ficar longe por tanto tempo.

— Sabe que eu tive aulas extras para que pudesse me formar mais cedo.

— Eu sei... Mas não voltou para me ver, nem sequer uma vez. — Seu lábio inferior carnudo projeta para frente e isso me lembra das caretas que costumava fazer quando criança, quando queria algo. Exceto que desta

vez, é sexy para caralho. *Quero sugar esse lábio na minha boca. Mordê-lo.*

— Não fiz muita coisa nos últimos cinco meses, exceto estudar, mas valeu a pena todo fim de semana que passei com a cabeça em um livro: finalmente me formei.
— Claudia desce do meu corpo e sua virilha esfrega no meu pau que salta para vida. Tento controlar-me, mas ele tem vida própria, não consegue ignorar o toque de uma mulher. Especialmente quando essa mulher é tão gostosa.

Droga, espero que não perceba que me deixou duro.

Ainda mais, espero que Owen e River também não tenham percebido. Eles me matariam.

Seus lábios carnudos se transformam em um largo sorriso.

— Está de volta em Lynchburg para sempre?

— Esse é o plano. Começo no meu novo trabalho na próxima semana.

— Ótimo. É aqui que você pertence. — *Comigo.* Não diz as palavras, mas suspeito que seja o que pensa. Sempre considerou Owen, River e eu como seus.

— Ouvi dizer que tem um encontro hoje à noite. Espero que valha a pena. — Ela abaixa os olhos.

— É apenas um menino da escola me levando para

sair. Não é grande coisa.

— Não me importo o quão legal acha que ele é. Não me importo com o quão fofo pensa que ele é. Não acredite em uma só palavra que o pequeno idiota possa dizer. Acredite em mim quando digo que quer uma única coisa, uma coisa que todos os homens ou garotos querem, algo muito valioso. — Ela olha para cima e nossos olhos se conectam: *Linda para caralho.*

— Conte-me. O que querem que é tão valioso?

Eles vão querer te foder. *Todos eles.* Não posso dizer essas palavras para ela e não é da minha conta.

— Owen. Não me diga que não conversou com ela sobre os *idiotas-com-tesão-e-que-ela-deve-evitar-todos* que falarem com ela. É seu dever orientar sua irmã sobre as intenções de qualquer homem.

— Tivemos essa conversa há algum tempo e voltaremos a tê-la, *depois de tudo isso acontecer.*

As maçãs do rosto de Claudia ficam vermelhas enquanto suas covinhas se aprofundam.

— Owen e River dizem que eu mudei. O que acha?

Acho que nossa garota está querendo um elogio.

— Você se tornou uma jovem adorável.

Seu sorriso desaparece.

— *Uma jovem adorável? Apenas isso?*

— Eu sei. Parece algo que nossos avôs diriam, mas é tudo o que tenho. — Não posso dizer-lhe que está gostosa e sexy e que me deixou com tesão.

Sua carranca se transforma em um meio sorriso unilateral.

— Muito obrigado.

Droga. Conheço Claud e essa expressão forçada. Machuquei seus sentimentos e é a última coisa neste mundo que gostaria de fazer.

A campainha toca. *O pior momento de sempre. A chegada do bostinha acaba com qualquer chance que tenho de me redimir com ela.*

— Vá para o seu quarto. — Diz Owen.

A voz de Claudia sobe uma oitava.

— Por que no mundo eu faria isso?

— Vá para o seu quarto e retoque o seu batom ou o que as garotas fazem quando nos fazem esperar. Nós três precisamos conversar um pouco com Connor. Certificaremos que entenda o que se espera dele nesse encontro. — Bom. Fico feliz em ver que Owen está levando a sério seus deveres de irmão mais velho.

— Não pode agir de maneira estúpida porque mamãe

e papai não estão aqui. Abrirei a porta para Connor antes que desista pela demora e vá embora. — Owen mencionou algo sobre ferrar com o encontro dela. Estou de acordo, mas não podemos se Claud não for para seu quarto.

Dou um passo à frente e bloqueio o acesso para a porta. Estamos quase peito a peito quando levo minha mão à sua boca e arrasto o polegar sobre seu lábio inferior.

— Seu batom está manchado, deveria consertar isso... Pombinha.

Seus olhos arregalam e seu rosto suaviza no instante em que me ouve dizer o apelido reservado apenas para ela. Um suspiro escapa de sua boca quando esfrega seu dedo indicador e médio sobre o lábio que acabei de tocar.

— Ok... *Duke*.

Ah, nunca disse meu apelido assim antes.

A campainha toca novamente e River bate as palmas das mãos, esfregando-as para frente e para trás.

— Tudo bem, tudo bem, garotos. Hora de se divertir um pouco com esse idiota.

Owen abre a porta da frente e o babaca está lá com flores na mão.

— Boa noite senhor. Sou Connor Bass.

Flores? Senhor? Que porra é essa?

Owen oferece a mão para um aperto. O que está fazendo? Pensei que nós foderíamos com esse garoto.

— Sou o irmão de Claudia, Owen. Entre.

River e eu estamos sérios, peito estufado, braços cruzados. Intimidação. É a única maneira de lidar com bostinhas arrogantes como esse cara.

— Este é Bram e River. *Amigos* de Claudia.

O garoto ri.

— Tudo bem, já entendi

— Não tenho certeza de que o faz, mas irá. — Owen coloca o braço em volta do ombro de Connor e o leva para a sala de estar. — Venha se sentar, vamos conversar enquanto minha irmã termina de se arrumar.

O encontro de Claudia está no sofá e nós três sentamos ao redor dele. Meu rosto está duro como pedra, mas estou rindo por dentro, imaginando se está pronto para mijar nas calças e sair correndo pela porta.

— Claudia é uma garota muito especial para todos nós. Ficaríamos muito infelizes se alguém a machucasse. — Diz River.

Connor balança a cabeça.

— Nunca a machucaria.

— Isso é bom. Fico feliz em ouvir isso. — Owen caminha até sua bolsa de beisebol encostada na parede e remove seu bastão favorito. — Minha irmã te disse que jogo beisebol na UT?

— Ela não precisa, eu já sabia. Já o vi jogar. — Sua voz está trêmula e gosto disso.

— Então já sabe o quão forte posso rebater com meu taco? — Antes de responder, Owen assume a postura e demonstra seu arremesso no ar. Não importa quantas vezes o vejo fazer, ainda estou impressionado com o enorme poder por trás disso. — Esse arremesso poderia partir um crânio, com certeza.

— Esta é Priscilla. — Owen envolve a mão no taco e o acaricia amorosamente. — Toca na minha irmã ou a magoa de qualquer maneira e você e Priscilla irão se conhecer muito bem. Não quero dizer no campo de beisebol, entende o que quero dizer?

— Sim, senhor.

— Traga Claudia para casa às onze. Nem. Um. Minuto. A. Mais. Nós estaremos aqui esperando. — River aponta para o relógio. — Ficaremos de olho no relógio.

— Sim, senhor.

Eu me inclino, então estou frente a frente com ele.

— Não enrolarei. Vamos direto ao ponto. Sem mãos ou dedos ou quaisquer outros apêndices dentro ou em cima de qualquer artigo de sua roupa. E nem pense em levá-la até a porta e tentar dar um beijo de boa noite, ou acabarei com você. — A última ameaça sai como um rosnado e surpreendo-me com o quão zangado me sinto ao pensar nele tentando alguma coisa com ela.

Esse garoto parece a ponto de mijar em suas calças e sair correndo pela porta. *Objetivo concluído.*

— Sim, senhor.

Claudia entra na sala de estar e estou ao mesmo tempo satisfeito e aliviado ao vê-la vestindo uma jaqueta sobre o top vermelho sexy. Droga, esse top e sua pele exposta me fizeram ter pensamentos inapropriados sobre ela. Esse garoto não teria chance.

— Ei, Connor.

— Hey. — Sua voz é inexpressiva e nem sequer olha em sua direção.

Claudia nos estuda.

— O que aconteceu aqui?

— Nada demais. — Owen ri. — Connor mencionou que me viu jogando, então pensei que gostaria de dar uma

olhada em Priscilla.

— O que fez, Owen? — Ele ri uma segunda vez.

— Não fiz nada.

— Não acredito em você.

— Pergunte ao nosso amigo Connor, se não acredita em mim.

Encolhe os ombros.

— Apenas me mostrou *Priscilla* e seu arremesso.

— Por favor... não acredito nisso. — A expressão dura de Claudia suaviza quando vê o buquê. — Que lindas flores. Deixe-me colocar um pouco de água antes de irmos. — Odeio vê-la sair pela porta com qualquer coisa que tenha um pau. Isso me irrita, o que é ridículo. Não só é uma irmã para mim desde o dia em que nasceu, como tem apenas dezessete anos. Tenho vinte e três. Esse tipo de problema não termina bem.

Não posso e não quero pensar assim sobre ela. Owen e River me matariam. Porra, Owen me castraria.

Claudia Laine Bliss cresceu e tudo o que sinto por ela de repente parece novo, diferente.

Isso assusta pra cacete.

Capítulo Dois

Bram Windsor

Claudia chega cedo de seu encontro, uma hora adiantada. Estou mais feliz do que deveria sobre isso. Também estou mais feliz do que tenho qualquer direito de estar com Owen e River sentados nas poltronas enquanto assistimos TV, forçando Claudia a se sentar comigo no sofá.

Já passei a noite na casa dos Bliss inúmera vezes. Claudia e eu nos aconchegamos no mesmo sofá e assistimos TV lado a lado em muitas ocasiões. Deitar ao lado dela assim não deveria parecer estranho ou diferente... Ou excitante. Mas é. Nada sobre estar tão perto dela (ou tocá-la dessa maneira) parece normal. E isso está se tornando muito confuso.

Owen foi para o seu quarto e River se deitou no quarto de hóspedes. Não estou decepcionado por eles saírem. Quero falar com Claudia e explorar essas novas sensações sem eles por perto.

— Como foi seu encontro com Connor?

— Trouxe-me para casa às dez horas. Como acha que foi?

— Não foi bom? — Nenhum cara leva uma garota para casa mais cedo se está se divertindo. Ou faz qualquer coisa que queira com ela. Isso me agrada.

— Nada bom. Connor estava tão estranho hoje à noite, não é o seu *eu* arrogante habitual. O que disseram a ele?

Não há necessidade de fingir inocência.

— Nós explicamos o que aconteceria se não se comportasse como um cavalheiro com você.

— Suponho que essa explicação envolveu Priscilla desde que Owen a tirou da bolsa?

O terror no rosto daquele garoto quando ouviu o som do taco de Owen ao lado de seu ouvido foi inestimável.

— Há uma boa possibilidade de que Priscilla foi usada em nossa persuasão.

— Percebi isso. — Nossa tática arruinou seu encontro. Deveria sentir-me mal com isso, mas não estou.

— Você está brava?

— Não, não queria sair com ele de qualquer maneira.

Fiquei feliz quando disse que me levaria para casa.

Estou surpreso com o quanto me agrada ouvir que não está afim do cara.

— Então por que saiu com Connor?

— Nossos amigos tentavam ser casamenteiros. Pensei que me deixariam em paz se saísse com ele.

— Nós o assustamos por nada.

— Não por nada. Ele me disse que saiu comigo porque fez uma aposta estúpida com alguns de seus amigos e que teria pelo menos uma mão na minha calça hoje à noite. Ele mereceu tudo o que o deram.

Ouvir isso me faz querer sair e encontrar esse idiota e colocar minhas mãos ao redor de sua garganta.

— Não deveria ter saído com ele, poderia tentar algo com você para ganhar a aposta.

— Sabe que posso cuidar de mim mesma. Você, Owen e River me ensinaram exatamente o que fazer nesse tipo de situação. — Nós nos certificamos de que Claudia sabia como se defender, mas os meninos são tipicamente maiores e mais fortes. Nunca é demais ser cuidadosa.

— Saber como chutar um par de bolas não faz de você invencível.

— Não vou a muitos encontros, mas sou sempre

cuidadosa.

Não gosto que saia a *qualquer* encontro.

— Nenhum namorado?

— Alguns tentaram, mas estou esperando por alguém especial. — *Esperando por alguém?*

— Está apaixonada?

— É muito mais do que uma paixão, Duke.

Amo ouvi-la me chamar assim. Claudia acha que está apaixonada e não gosto nada disso.

— Ele sabe?

— Não. Tenho certeza de que nunca me viu mais do que uma amiga.

Quero saber que tipo de garoto olharia para Claudia e só teria pensamentos platônicos. Talvez alguém que não goste de garotas.

— Acha que ainda só pensa em você como uma amiga depois de ver a maneira como mudou?

Claudia aprofunda sua voz.

— Quer dizer a *minha nova aparência jovem adorável?*

Sim. Ainda está irritada com isso.

— Não tive escolha. Tive que dizer isso na frente de Owen e River.

— Por quê?

— Nós dois sabemos que eles chutariam minha bunda se me ouvissem dizer que você estava sexy.

Claudia se vira e me olha por cima do ombro.

— Acha que estou sexy?

O que diabos está errado comigo? Não posso dizer isso a uma garota de dezessete anos, mesmo que seja Claud.

— Não importa o que acho.

Ela se vira, então estamos cara a cara.

— É importante para mim, Duke. Muito mais do que você pensa.

Seu corpo está pressionado contra o meu. Seus lábios a poucos centímetros de distância. Sua respiração doce no meu rosto. Nada sobre essas coisas me lembra da criança que sempre considerei como uma irmãzinha. E meu pau também não acha.

Não há dúvidas sobre isso. Estar ao lado dela dessa maneira, e gostar disso, está errado.

Tenho vinte e três anos, uma graduação, sou um

homem completo. Claudia tem dezessete anos, está no colegial, é uma garota. Fora de alcance. Fruto Proibido

— O que quer que seja isso... Não acontecerá.

— O que é isso? O que está acontecendo entre nós?

— Sua voz é suave, baixa... Sedutora. Não acho que percebe o quanto.

Dar a isso um rótulo significa admitir os pensamentos que tenho sobre ela, confessando os intensos desejos que desperta dentro de mim, revelando o quanto me excita. Não posso fazer isso e esperar que Owen não me amarre com minhas bolas.

— Essa é uma conversa que não teremos.

Claudia pressiona uma palma na lateral do meu rosto e seus olhos procuram os meus.

— Mas eu quero ter essa conversa e acho que você também. Vejo isso no jeito que olha para mim.

Vejo isso na maneira como olha para mim. Porra, se ela vê isso, significa que os outros também?

— Sou velho demais para você. Sou o melhor amigo de Owen. Nada acontecerá entre nós.

Claudia envolve sua perna em volta da minha cintura e pressiona seu corpo contra a protuberância no meu jeans.

— Algo já está acontecendo. Sinto a prova disso aí mesmo.

— Isso está errado. — Coloco minha mão em seu quadril e empurro seu corpo para longe do meu. — Isso é o que acontecerá: irá se levantar, ir para o seu quarto dormir e amanhã acordará e fingirá que nada disso aconteceu.

— A última coisa que quero fazer é fingir que isso não aconteceu.

Droga. Isso já foi mais longe do que deveria, já admiti que a quero.

— Nós não falaremos sobre isso novamente — O desejo de puxar seu corpo contra o meu é quase irresistível, mas obedeço meu instinto e a empurro para mais longe. — Vá agora, antes que Owen ou River voltem e nos encontrem assim.

Olha para mim por um momento antes de se afastar.

— Deus, sou tão estúpida.

— Não. Não diga isso.

— Não posso acreditar que pensei que você... — Claudia para no meio da frase e cobre os olhos com as mãos. — Eu não deveria dizer mais nada. Deus, que humilhação.

Não quero que ela fique envergonhada.

— Ei, venha aqui.

Sento-me e estendo a mão, sem sucesso, enquanto ela sai do meu alcance.

— Não, Duke. Não sou mais uma criança. Não preciso de você para dizer coisas que não quer dizer apenas para me fazer sentir melhor.

— Claud... — Não quero que vá embora acreditando que interpretou mal qualquer coisa que aconteceu entre nós, mas não posso encorajá-la. Não posso dizer-lhe como realmente me faz sentir. Mas também não posso deixá-la ir embora acreditando que nosso relacionamento mudou. — Pombinha? Estamos bem? — Olha para cima e rapidamente pisca.

— Sim. Nós estamos bem. Isso nunca aconteceu. *Assim como você disse.*

Claudia diz as palavras, mas sei, no meu coração, que não são verdadeiras. Algo significativo acaba de acontecer. Nada jamais será o mesmo entre nós.

Meu coração dói com uma atração incrível para ir atrás dela e dizer que tudo o que disse é verdade, dizer que sinto as mesmas coisas que ela, mas não faço. Não posso. Em vez disso, fico no sofá, passando o resto da noite vendo-a por trás das minhas pálpebras fechadas.

Nas primeiras horas, imagino-me tendo-a em nada menos que noventa e nove maneiras diferentes. O lado tarado do meu cérebro masculino estava mais do que feliz e capaz de fornecer todas as imagens para acompanhar as fantasias que aconteciam na minha cabeça. Minha favorita foi aquela em que deitava na cama, implorando para que eu enterrasse meu rosto entre suas pernas.

Porra. Há realmente algo errado comigo.

Não consigo parar de pensar que ela está no final do corredor, vestindo apenas uma blusa apertada e shorts curtos. Um que têm as pernas largas. Os que me permitiria facilmente colocar minhas mãos. Meu pau sabe o pouco esforço que levaria para ficar nua e o filho da puta fica duro a noite toda. Deixando-me *agoniado*.

Claudia cresceu. O desejo de tê-la está me deixando louco. Cada centímetro de seu doce corpinho está chamando por mim.

Meu pau e o diabo sentado no meu ombro emparelham-se e tentam me convencer que tudo o que tenho a fazer é andar a curta distância até o quarto dela e posso entrar nela em alguns minutos. Eles me dizem que poderia cobrir sua boca com a minha mão e ninguém a ouviria gemer quando empurrasse meu pau através de sua virgindade apertada. Passaria a noite toda com as pernas dela em volta de mim e ficaríamos tão quietos que Owen e River jamais suspeitariam.

Porra, preciso gozar e parar de pensar nela. Talvez isso traga algum alívio na dor nas minhas bolas ou, pelo menos, torne o desconforto suportável, ajudando a estar na mesma casa que ela.

Coloco minha mão em meu short e agarro meu pau, acariciando vagarosamente para cima e para baixo debaixo do edredom, quando me lembro de ver Claudia hoje à noite pela primeira vez desde o final do verão. Fecho meus olhos e bato mais rápido quando a imagino deitada na cama nua e esperando por mim.

Droga. Aqueles lábios. Essas curvas. Aqueles peitos.

— *Está pensando em mim enquanto faz isso, Duke? Quer que eu faça isso por você?*— Imaginar essas palavras vindas de sua boca é tudo que preciso para gozar. Uhh, porra.

Claudia Bliss. Ao meu alcance e ainda completamente inacessível.

Porra. Eu. Estou. Fodido.

A irmãzinha do melhor amigo cresceu. E a quero.

Capítulo Três

Claudia Bliss

Olho para o meu papel do teste em descrença. Sessenta e nove, um maldito D. Que diabos farei? Não posso perder meu GPA 4.0 no último semestre do ensino médio. *Não entre em pânico, Claud. Ainda estamos em março, tem tempo para mudar isso.*

Ouçó cada palavra que o Sr. Garrison diz. Anoto cada forma e número que escreve, mas pouquíssimas coisas ficam gravadas na minha mente, matemática nunca foi meu forte. *Não deveria ter feito essa aula de cálculo de AP. Escolha errada. Isso arruinará meu GPA.*

Espero meus colegas de classe saírem e vou para a mesa do meu professor.

— Tem um minuto, Sr. Garrison?

— Tenho pouco tempo. Suponho que gostaria de discutir sua pontuação no teste de ontem?

Estendo o papel e olho para o enorme número vermelho.

— Isso diminuirá bastante a minha média.

— Mas não é impossível recuperar. — Não é impossível se entender cálculo, o que eu não faço.

— Preciso de ajuda. Estou a cada dia mais atrasada.

— Não dou aulas particulares para meus próprios alunos, mas posso recomendar uma pessoa se quiser continuar com isso.

A escola sempre foi fácil para mim, nunca tive que estudar, mas encaixotei-me em um canto nesta aula. Não posso me dar ao luxo de não conquistar um A no resto dos meus testes. Aulas particulares é provavelmente a única maneira de fazer isso acontecer.

— Acho que aulas particulares são minha única alternativa.

— Um ex-aluno é tutor em seu tempo livre, jovem brilhante. Jacob Rial. Acredito que tenha a mesma idade que seu irmão.

Jacob Rial.

— Soa um pouco familiar.

— Ensina nas segundas, quartas e alguns finais de semana.

— Hoje é sexta-feira. Talvez possa entrar em algumas sessões com ele antes do teste da próxima

semana.

— Isso seria ótimo se estivesse disponível.

Professor Garrison anota um número de telefone.

— Recomendo ligar o mais rápido possível para ver os horários que ele tem disponível.

Quase posso beijar esse homem.

— Obrigada, realmente agradeço por isso.

Meu humor melhorou um pouco na volta para casa até que "*We Not Talk Anymore*" toca na rádio. Costumava amar essa música, mas agora não consigo ouvir sem pensar em Bram.

Dois meses desde aquela noite e nem uma única notícia dele. Ele não veio em casa, nem mesmo nos dois fins de semana que Owen veio.

Noel Abraham Windsor. Bram. *Meu duke*. Amei-o a vida toda.

A primeira lembrança que tenho dele é de quando eu tinha três anos, talvez quatro, chorava porque não sabia balançar, Bram parou o que fazia com Owen e River e me empurrou até eu ficar contente. Foi assim que os anos seguintes foram, ele sempre se certificava de que eu estivesse feliz. E o amei por isso.

Durante anos, eu não era nada mais do que um

menino para ele. Irmãzinha de Owen. Sua pequena pombinha. A peste que os seguia para todos os lugares. Ou pelo menos tentou.

A diferença de idade acabou por arruinar tudo. Owen, River e Bram descobriram as garotas e eu era o tipo que eles não queriam por perto. Claro, não entendia o fascínio deles, era muito jovem. Estou feliz que levou anos para o meu cérebro imaturo descobrir o que Bram fazia com aquelas garotas. *Isso partiu meu coração quando finalmente fiz.*

Bram tem vinte e três anos, eu tenho dezessete anos. Mas isso não me impede de querer ser sua garota, sua única garota. É o que sempre quis desde... Sempre.

Tinha dezesseis anos quando os meninos chegaram em casa para as férias de verão do ano passado. Passei todos os dias com eles. Apesar de todos os meus esforços, Bram nunca olhou para mim como se fosse algo mais do que a pequena Claud.

Ainda apenas como um garoto.

Os meses passaram.

Eu cresci, caramba. Meus peitos cresceram, meus quadris e bunda ficaram cheios de curvas. Mas ele simplesmente não me *enxergava*. Foi quando decidi que era hora de agir para que ele fosse meu.

Bram partiu para o semestre de outono. Estar longe dele durante esse tempo foi os cinco meses mais difíceis da minha vida. Mas isso não significa que não o vi.

Seu cabelo escuro, olhos cor de avelã, corpo bronzeado e musculoso apareciam todas as noites em meus sonhos. E esse V também. Aquele maldito V em sua cintura, apontando para o que sei agora que é um pau que fica duro quando pressionado contra o meu corpo.

Usei cada momento desse tempo para entrar em forma. Limpei minha pele da acne. Aprendi a andar, falar e me vestir para provar a um homem de vinte e três anos que eu não era mais um garoto. Ele iria, por Deus, ver que não era mais aquela garotinha que uma vez implorou para ser permitida dentro de seu forte só para meninos. Bram me veria como uma mulher. Um ser sexual que o quer. Uma virgem mais do que pronta para entregar-se a ele.

Bram deu uma olhada para mim, e eu sabia, sem dúvida, que alcancei meu objetivo. Finalmente me notou. Pela primeira vez, viu-me como uma mulher desejável. E isso o assustou para caralho.

Por um lado, meu plano funcionou como um encanto. Por outro lado, saiu pela culatra completamente.

Não dormi um segundo depois que deixei Bram no

sofá. Passei o resto da noite pensando sobre o que aconteceu entre nós, repetindo cada movimento, cada palavra. Considerei deixar minha cama mil vezes naquela noite, indo até ele vestindo quase nada e o seduzindo. Estou quase certa de que iria se estivesse dormido no quarto de hóspedes em vez do sofá da sala onde poderíamos ser pegos por Owen ou River.

Droga. Por que River não desmaiou na poltrona para que Bram estivesse no quarto de hóspedes? Aquela noite seria muito diferente e nós estaríamos juntos hoje em vez de não nos falarmos.

Entro na garagem e meu coração bate erratically contra a parede do meu peito quando vejo a caminhonete de Bram estacionada em frente à minha casa. *Woouu. Respire garota. Dentro e fora. Lento e profundo.*

Os carros de Owen e River também estão aqui. Isso é decepcionante, pois tenho certeza de que significa que Bram está em minha casa para vê-los e não a mim. Estou nervosa demais, mas verei Bram como puder.

Puxo o quebra sol e avalio minha aparência. Cabelo desalinhado. Bochechas oleosas. Lábios pálidos. Verifique, verifique e verifique. Droga, isso não é como quero minha aparência quando vir Bram novamente.

Passo uma escova através das pontas do meu cabelo e passo-o na raiz. Não está perfeito, mas é o melhor que

posso fazer no momento. Seco minha pele e aplico gloss nos lábios. Junto meus lábios e lembro de Bram esfregando o polegar sobre eles quando lambeu meu brilho labial. Bom Deus, o jeito que olhou para mim molhou minha calcinha naquele momento.

Aquela noite parece que foi há um milhão de anos.

Respiro fundo antes de virar a maçaneta. *Este é Bram. Você o conheceu toda a sua vida. Não fique nervosa. Ele a conhece por dentro e por fora. Ele notará.*

Os garotos estão na cozinha. Nenhuma surpresa. Invadem a despensa toda vez que voltam da escola.

— Ninguém toca no meu iogurte grego. — Exceto Bram. Ele pode ter qualquer coisa minha que queira e isso me inclui.

— Está brincando, mana? Pensa seriamente que um de nós comeria esse lixo?

— É bom, especialmente com granola e alguns pedaços de chocolate amargo.

— Nós vamos ter que concordar em discordar sobre isso. — Owen vai para a porta da despensa e olha para dentro como se a comida fosse aparecer magicamente. — Espero que mamãe vá ao supermercado depois do trabalho. Não há nada aqui para comer.

— Ela sabia que vinha para casa? — Eu com certeza

não sabia.

— Sim.

— Então não se preocupe com isso. Ela trará com certeza tudo o que quer comer. — Olho na direção de Bram. Ele está olhando para o rótulo de uma garrafa de água, fazendo questão de não olhar para mim. Nenhuma surpresa até então.

— Por que veio para casa? — Se Owen não tem um jogo de beisebol, tem treino. Sempre.

— Tive que voltar para o casamento de Hallie e Jacob amanhã. Ensaio esta noite.

Certo. Esqueci-me.

Ouvindo-o dizer o nome de Jacob me faz lembrar o meu novo tutor.

— Ei, lembra de Jacob Rial? Acho que tem a sua idade.

— Sim. Porque a pergunta? Viu a foto do idiota no noticiário das seis ou algo assim? — *O que isso significa?*

— Não. Estou com problemas em cálculo, meu professor sugeriu que fosse meu tutor para me ensinar.

— Pode esquecer isso agora. Aquele filho da puta não te ajudará em matemática ou qualquer outra coisa. —

Uau.

— Ok, Owen. Acalme-se.

— Seria melhor reprovar do que ficar sozinha com esse cara. — A opinião de River sobre Jacob Rial não é a melhor.

— O que há de errado com ele?

— Esse idiota tem um pequeno e desagradável hábito de deixar as garotas bêbadas e transar com elas depois que desmaiam. Fez isso duas vezes, pelo que soubéssemos, quando estávamos no ensino médio. Fugiu disso duas vezes porque as garotas não conseguiam lembrar o que aconteceu. É por isso que não o chamará para tutor.

Minhas esperanças vão por água a baixo.

— Então, o que devo fazer para conseguir ajuda em cálculo? Pedi ajuda ao meu professor, mas me disse que não ensina seus próprios alunos.

Owen agarra a parte de trás do pescoço de Bram e aperta.

— Há um gênio da matemática sentado bem aqui. Ele pode te ensinar. — A cabeça de Bram ergue rapidamente, seu rosto está tenso, com os olhos fixos no meu irmão. Há apenas uma maneira de interpretar o que essa expressão significa.

— Ele tem muita coisa acontecendo com o novo

emprego. Além disso, é época de impostos, tenho certeza que está ocupado e não tem tempo para me ajudar.

— Que tal, Bram? Pode arranjar tempo para dar aulas a Claud ou ela precisa pedir ajuda ao estuprador Rial? — A resposta de Bram é instantânea.

— De jeito nenhum vai a qualquer lugar perto desse pedaço de lixo.

Bram pode se sentir disposto a me manter segura, mas duvido que queira ficar sozinho comigo de novo. Sua reação ao nosso último encontro me contou tudo o que precisava saber.

— Ficarei bem, só preciso estudar mais.

— Não dará certo, Claud. E, além disso, nossos pais estão contando com uma bolsa de estudos.

Mamãe e papai não disseram nada, mas sei que o dinheiro está apertado desde o ataque cardíaco do papai. Tenho certeza de que eles precisaram investir suas economias para pagar as franquias nas contas do hospital.

— Eu sei, Owen. Estou fazendo o melhor que posso.

— Quando é o seu próximo teste, mana?

— Sexta-feira.

— Pode arranjar tempo para ajudar Claud esta

semana? — Odeio ver Owen colocar Bram nesta situação embaraçosa.

Bram olha para mim e nossos olhos se encontram pela primeira vez desde aquela noite há mais de dois meses. *Que tipos de pensamentos passam por trás daqueles olhos castanhos?*

— Não se preocupe com sua nota, receberá um A quando terminar de te ensinar.

Minha mente está nublada. Não consigo formar palavras para responder.

— Pode vir ao meu apartamento no domingo? — No apartamento dele? Não mora mais com os pais?

— Certo. Que horas?

— Às três horas está bom?

— Sim. Vejo-te lá então. — Retiro-me para o quarto, fecho a porta e caio de bruços na cama, gritando no travesseiro. — Droga. Droga. Droga.

Ficarei sozinha com ele e aproveitarei ao máximo.

Bram será meu.

Capítulo Quatro

Claudia Bliss

Verifico minha aparência no espelho pela décima vez antes de sair do meu carro. *Acalme-se ou pensará que você está esquisita. Para ele, esta é apenas uma sessão de tutoria, quer ajudá-la com sua nota, então receberá uma bolsa de estudos. Aliviar o fardo para meus pais.*

Aplico uma nova camada de brilho labial e bato meus lábios juntos para que pareçam macios e hidratados. Um convite para serem beijados.

Meu coração galopa quando me aproximo da porta da frente do apartamento de Bram. Nós estaremos sozinhos a portas fechadas. Passei os últimos dois dias fantasiando sobre tudo que poderia acontecer. Nossas mãos acidentalmente encostam, nossos olhos travam, ele percebe o quanto realmente me quer.

Nós acidentalmente vamos juntos para cama.

Gostaria de ter coragem suficiente para fazer algum tipo de movimento ousado. Tenho um plano de ação para fazê-lo

me querer, aproveitar o tempo sozinhos. Mas sei que provavelmente desistirei depois do que aconteceu da última vez.

Sentia-me tão otimista, mas agora meu nível de confiança cai para zero.

Minha boca molha quando Bram abre a porta e o vejo em shorts de basquete e uma velha camiseta com as mangas cortadas. Eu o vi jogar basquete com essa roupa, ou algo assim, não menos que mil vezes, e nunca deixa de parecer sexy.

Posso ver seu peito musculoso se encaixar no estômago através dos recortes de sua camisa. E essa bunda. Posso ver a forma exata dela naqueles shorts. Não posso me impedir de admirar isso enquanto me leva através de seu apartamento até a mesa de jantar.

— Há quanto tempo mora aqui?

— Mudei-me cerca de um mês atrás. Ainda me instalando.

— Ninguém me disse que saiu da casa de seus pais.

— Doeu meu coração quando percebi que Bram fez uma mudança tão importante em sua vida e eu não sabia nada sobre isso. Sempre soube de tudo sobre ele e de repente parece que isso foi tirado de mim. Não gosto nada disso.

— Você mora com seus pais por toda a sua vida, depois se muda para a faculdade e tem um pouco de independência e é muito difícil voltar para casa e voltar a viver de acordo com suas regras e expectativas. Por mais que ame meus pais, rapidamente percebi que não poderia viver com eles. Preciso da minha privacidade. — *Privacidade*. Pergunto-me se é um código para precisar de um lugar para trazer mulheres para que possa transar.

— Gosta de morar aqui?

Encolhe os ombros.

— Estou me adaptando.

Espero que isso não signifique que esteja planejando deixar Lynchburg.

— Não se vê aqui em longo prazo?

— Apenas o tempo necessário para economizar para comprar uma casa.

Eu falava sobre ficar em Lynchburg, não no apartamento, mas estou emocionada em ouvi-lo dizer que não tem planos de se mudar.

Bram é o mais maduro dos três garotos, sempre sensível com dinheiro, confiável com responsabilidades, responsável por suas ações. Owen e River podiam aprender uma lição ou duas com ele.

— Sei que precisa de tempo. — As paredes são brancas e nuas. Não há estilo ou decoração.

— Não tenho ideia de como decorar. Não sei por onde começar.

Bram não está mentindo.

— Poderia te ajudar, se quiser. Dar um toque feminino. — Não sou designer de interiores, mas tenho certeza de que posso fazer melhor que isso.

— Veremos. — *Veremos*. Essa não é a resposta de alguém que aproveita a oportunidade de passar um tempo comigo. Mais ou menos como se não tivesse aproveitado a oportunidade para me orientar também.

Penduro minha mochila na cadeira e pego meu livro e fichário.

— Sinto muito por Owen tê-lo feito fazer isso. Sei que tem coisas muito melhores para fazer do que me ensinar cálculo.

— Não me importo. — Coloco meu livro e fichário na mesa. Fico completamente imóvel e olho nos olhos de Bram. — Por favor, não faça isso.

— Fazer o quê?

— Mentir. Não para mim, Duke. Não é quem somos.

— Digo as palavras como se tivesse confiança em quem

somos, mas isso não é verdade. Não tenho mais ideia de onde fica meu relacionamento com ele.

— Não é mentira. Quero que se saia bem para que possa obter tantas bolsas de estudo quanto possível. Então vá para a faculdade para perseguir o seu sonho e se tornar um grande sucesso. Quero o melhor para você e estou feliz em ajudar de qualquer maneira que puder.

Sei que ele quer isso, mas não acredito que esteja feliz em passar esse tempo sozinho comigo.

— Independentemente da maneira como se sente fazendo isso, agradeço sua ajuda.

— Sei que sim.

Tiro minha pasta de cálculo.

— É melhor não rir de minhas anotações.

Bram sorri enquanto olha o que escrevi.

— Espero que não tenha escolhido uma carreira onde o cálculo seja necessário.

— Não se preocupe, não faria isso comigo mesma.

— Ainda não escolheu a graduação?

— Não, é difícil fazer esse tipo de escolha quando tudo o que realmente importa é ser fotógrafa.

— Se quer ser fotógrafa, seja fotógrafa.

— Gostaria que fosse assim tão fácil. Mamãe e papai dizem que o negócio está muito saturado em Lynchburg para ter sucesso aqui. Estão me incentivando fortemente a entrar na educação porque é uma renda estável.

Venho de uma família de educadores. Minha mãe leciona para segunda série. Papai ensina história e treina beisebol no ensino médio. Tudo já está em movimento para Owen. Papai está se aposentando em maio e Owen assumirá sua posição em agosto.

Sou a estranha da família, não me interesso em uma carreira que envolve o ensino.

— O que acha de seguir o conselho de seus pais?

— Acho que ficarei infeliz se for para a educação. Também acho que passar os próximos quatro anos na faculdade será um desperdício de tempo e dinheiro quando minha carreira não exige isso. Mas tenho certeza que pode imaginar o quão bem desenrolou a conversa quando disse à Sra. e ao treinador Bliss que não achava que precisava continuar minha educação.

— Seu plano não é o plano deles, então acreditam que é uma ideia terrível.

— Exatamente, mas não sou idiota. Sei que preciso manter minhas opções abertas até que decida com

certeza. É por isso que estou trabalhando tanto para manter meu nível de cálculo, não tenho certeza de quão profunda foi a retirada da minha poupança quando meus pais foram forçados a tirar dinheiro de suas economias. É por isso que é tão importante que eu receba uma bolsa de estudo. Quero que mantenham a reserva para a minha educação para reabastecer o que gastaram com as despesas do próprio bolso.

— As bolsas de estudos sempre são úteis, então é melhor começarmos. Mostre-me o que cairá no próximo teste.

Propriedades de expoentes. Funções e gráficos. Variáveis Coordenadas Tudo o que o Sr. Garrison tem a dizer sobre essas coisas faz minha cabeça girar. Mas Bram retarda o caos da confusão no meu cérebro, divide a equação em pedaços menores que minha mente pode compreender.

— Expliquei esse problema de forma simples para que faça sentido para você?

— Pela primeira vez, realmente o faz. — Sempre soube que Bram era esperto, mas ouvi-lo falar sobre essas coisas me faz perceber o quão inteligente ele é. E é super sexy.

Bram circula a resposta para o problema que acabou de passar.

— Entende todos os passos que eu dei para chegar a essa resposta?

— Sim.

Bram rabisca um problema de prática em uma folha de caderno e arrasta sobre a mesa na minha frente.

— Quer experimentar este por conta própria e ver o que acontece?

— Certo.

Levanta-se e vai até a geladeira enquanto trabalho no problema.

— Quer uma água de coco?

Olho para ele.

— Bram Windsor. Você não bebe água de coco.

— Eu definitivamente não, mas você gosta. — A magnitude desse ato simples chega doer o coração.

— Comprou água de coco para mim?

— Bem, você adora e eu sabia que viria esta semana. — Primeiro, Bram prestou atenção suficiente para saber qual é a minha bebida favorita. Em segundo lugar, saiu e comprou alguns para ter em seu apartamento para mim. Ele pensou em mim?

— Eu amaria. Obrigada.

Coloca uma caixa na minha frente.

— Isso é bom?

— Eu amo. — Torço a tampa e ofereço-lhe a caixa.
— Tente, veja se gosta.

Tira da minha mão e me devolve depois de prová-la.

— Ugh. Não sei como você bebe essas coisas.

— Não é tão doce quanto o que a maioria das pessoas espera, pode gostar do que vem com suco de abacaxi.

— Não. Côco e abacaxi soam como um coquetel feminino.

— E você é um bebedor de cerveja viril.

— Droga, eu sou. — A escolha de Bram no álcool não é a única coisa masculina nele. A voz dele, seu rosto barbado, seu corpo musculoso, tudo isso grita masculinidade e é terrivelmente difícil tirar isso da cabeça enquanto trabalho nos próximos problemas de cálculo que me designa.

Empurro meu papel para ele quando termino.

— Acabei.

— Parece confiante.

— Estou, mas só porque você é realmente bom em explicar cálculo. — O professor Garrison deveria ter aulas com ele sobre como ensinar essas coisas.

Bram verifica meu trabalho e escreve $A +$ no topo da página.

— Excelente trabalho. Acha que quer tentar mais um pouco? — Estive com Bram há um tempo, mas se fazer mais coisas significasse que ficaria por mais tempo, farei isso a semana toda.

— Se estiver tempo, gostaria de praticar mais.

— Pode fazer quantos problemas quiser, não tenho planos além de comprar comida para o jantar.

Por que deveria comprar comida quando eu estou aqui?

— Posso cozinhar algo para você.

— Não precisa fazer isso.

— Não me importo. — Viria e cozinhar para ele toda noite se me deixasse.

— Você me conhece, Claud, nunca recusarei uma refeição caseira.

Não há como não aproveitar esta oportunidade para

cozinhar minha especialidade para ele.

Especialmente porque dizem que a entrada para o coração de um homem é através do estômago.

— Espaguete soa bem?

— Parece delicioso, sabe o quanto amo espaguete.

Eu sei e é por isso que passei os últimos meses aprendendo a fazer o molho perfeito de carne.

— Deixe-me fazer mais três problemas e, em seguida, vamos a uma mercearia. Sei que não tem as coisas que precisarei.

— Suposição exata. Tenho cerveja e batatas fritas. E é só.

Rio e reviro meus olhos.

— Precisa mais do que isso para o sustento.

— Cerveja e batatas fritas é comida de solteiro. E sou solteiro.

Graças a Deus por isso.

— Compraremos comida decente.

— Comprarei o que você colocar no carrinho, desde que cozinhe para mim.

— Preciso de tutoria. Você precisa jantar. Faremos

uma troca.

— Soa um bom plano para mim.

Passo mais tempo com Bram do que esperava. Isso não é um bom plano.

É ótimo.



Sweet
TORMENT

Capítulo Cinco

Bram Windsor

Isso não podia acontecer. Eu não deveria ficar mais tempo sozinho com Claudia no meu apartamento e definitivamente não deveria sentar na mesa de jantar e olhar para a bunda dela enquanto se move ao redor da minha cozinha.

Deveria. Poderia. Teria. *Deveria* tê-la enviado para casa assim que nossa sessão de tutoria terminasse. Eu *poderia* dizer que já tinha planos para o jantar. Eu *teria* se fosse mais inteligente. Mas não sou mais esperto, sou um idiota brincando com fogo e esta chama tem um nome:

Claudia Laine Bliss.

Querido Deus. O short jeans que está usando é tão curto que as bochechas de sua bunda aparecem quando se inclina para frente. O que me faz pensar em que tipo de calcinha ela está usando. Boxer de menino? Acho que não. Calcinha fio-dental? Não é provável. Calcinhas provocantes? Talvez. Calcinha rendada? Estou

esperançoso. Ou talvez não esteja de calcinha.

Claudia tirou a blusa branca que usava por baixo da camiseta. Disse que não quer molho de espaguete salpicado para manchá-la. Soa como uma razão legítima para tirá-la, porra, não acho que esteja de sutiã, posso ver o contorno de seus mamilos através do tecido fino. Cacete. Só esses pensamentos provam que estou olhando para os peitos e bunda dela.

— Gosta de pouco ou muito de alho?

— Muito.

— Eu também. — Claudia traz uma colherada de molho para a boca e sopra sobre ela. — O segredo para um bom molho de carne, depois de bem temperado, é deixar ferver por pelo menos uma hora. Isso precisa de mais tempo para cozinhar, mas experimente e veja se tem alho suficiente para você.

Abro a boca para ela me dá um pouco. Ácido. Apimentado. Todos os sabores certos dançam o tango com as minhas papilas gustativas.

— Delicioso.

Ela usa o polegar para limpar o canto da minha boca e depois lambe o molho do dedo.

— Ficará ainda melhor em uma hora.

Piedade. Céus. Isso foi quente.

Eu poderia puxar Claudia para perto. Pegá-la e colocá-la sobre a mesa. Empurrar as pernas dela e colocar minha mão dentro de seu short em apenas alguns segundos. Fazê-la gozar tão duro que gritará meu nome. *Ela deixaria. Eu sei que faria.*

Aposto que nunca teve um orgasmo. Pelo menos não um real e não um que deu a si mesma. Estou falando sobre o tipo de prazer que a faria tremer de dentro para fora e esquecer seu próprio nome.

— O que faremos enquanto esperamos o molho encorpar?

Fique nua e vamos nos divertir.

— O que quiser, sente-se comigo.

Senta-se na cadeira ao meu lado e se inclina para frente, o cotovelo na mesa com o queixo apoiado contra a palma da mão.

— Não estive em sua vida por um tempo. Conte-me sobre todas as coisas que perdi. — Há dor na voz dela, tristeza em seus olhos. *Ela se pergunta se houve uma mulher em meu coração enquanto nos separamos? Porque só houve uma. Ela.*

Os últimos dois meses foram confusos. E solitários. O mais solitário que já experimentei. O único momento

que não estou consumido por pensamentos e fantasias com Claudia é quando estou enterrado no trabalho. Chegar a casa todas as noites é brutal, deixa minha mente aberta para fantasiar sobre tudo o que nunca farei com ela.

— Não há muito para contar. Lido com números o dia todo, volto para casa para este apartamento vazio, janto sozinho e vou para a cama. — Pergunto-me se pode dizer que faço um ponto para que saiba que não existe uma mulher na minha vida. — É o meio da temporada de imposto e trabalho longas horas. Não terei um horário normal até depois do dia 16 de abril.

— Até que horas você trabalha todas as noites?

— Estou no escritório até pelo menos às oito horas e volto lá na manhã seguinte, no máximo às sete. Não tenho uma vida social fora do trabalho.

— Não trabalhou esse horário na sexta-feira.

— Saí do escritório mais cedo por causa do ensaio do casamento. Fui às quatro da manhã para compensar as horas que faltaram. Isso foi muito divertido. — Suspira.

— Não posso pedir-lhe continuar me ensinando depois de trabalhar tantas horas. É demais para você.

— Não está pedindo, estou oferecendo. Só preciso que venha um pouco mais tarde. Oito e trinta, talvez

nove, se não for tarde demais.

— Isso é bom e, se quiser, posso vir mais cedo e preparar o jantar para você.

Janto fora quase todas as noites.

— Adoraria. Staci e Shane não terão problemas com você fora até tão tarde em um dia da semana?

— Mamãe e papai não se importam, pois será para o trabalho escolar. Confiam em você para me ajudar a melhorar minha nota, entendem que está ocupado com o trabalho, então não se importarão de eu estar aqui até tarde, se isso for necessário.

Gastei muito tempo considerando o que Owen e River fariam se eu tocasse em Claud, mas imaginar como Staci e Shane lidariam com a situação é um pouco mais difícil. Eles me disseram muitas vezes que pensam em mim como um filho, mas não acredito que aprovariam os pensamentos que tenho sobre a filha deles.

— Não aconteceu muita coisa comigo. E com você?

Claudia encolhe os ombros.

— Nada realmente. Apenas a escola.

Quero saber o que acontece em sua vida também, mas o que realmente quero saber é se está saindo, indo a encontros.

— O baile está chegando em breve.

— É daqui a duas semanas.

— Quem é o sortudo que te levará? — Coloco minha cara de pôquer para que não me veja reagir, de um jeito ou de outro.

— Não tenho um par.

Boa menina. Essa é a resposta que esperava ouvir.

— Tenho certeza de que não é por falta de opções.

— Não decidi, mas alguns caras me perguntaram.

E garanto que nenhum deles a trataria tão bem quanto eu, se tivesse a oportunidade.

— Quantos perguntaram?

— Sete.

Estou surpreso que o número não seja maior.

— Isso é mais do que alguns.

— Não importa. Nenhum deles é o que quero.

O que quero. Está falando de mim? Meu interior diz que sim, mas isso não importa. Embora esteja dois meses mais perto dos dezoito anos, ainda não podemos ter essa conversa.

— O que você fará?

— Provavelmente irei com o Oscar. Ele não tem um par também.

Eu o conheço. Garoto magro que mora na Rua de Claudia. Costumava vir brincar conosco quando éramos mais novos. É um dos poucos caras em quem confio para acompanhá-la e não tentar nada.

— Oscar é uma boa escolha.

— Ele é uma boa segunda opção. — Claudia coloca a mão sobre a mesa e toca as pontas dos dedos nos meus. — Minha primeira escolha seria você. Sempre foi você.

Vejo seus dedos entrelaçados aos meus e sei, sem sombra de dúvida, que deveria me afastar, mas não faço. Não posso. Gosto muito da sensação da sua pele contra a minha para quebrar o contato entre nós.

— Owen e River nunca me trataram como você fez. Você sempre foi gentil... Atencioso... Paciente. Não me lembro de uma época em que não parecia completamente consciente dos meus sentimentos. Coloca-me à frente de todo o resto, incluindo a si mesmo. Nós dois compartilhamos algo diferente, um vínculo muito especial que acho que a maioria das pessoas nunca experimentou com outra pessoa. É como se não tivesse começo nem fim. Simplesmente existe.

Owen e River estavam sempre preocupados com outras coisas, mas não me lembro de uma época em que não senti a necessidade de proteger Claudia. Sempre tinha um olho nela. Mantinha-a perto enquanto a mantinha em uma distância segura.

Quando fiquei mais velho, achei que algo estava terrivelmente errado comigo. Não era natural que uma criança da minha idade se sentisse do mesmo modo que eu com alguém muito mais jovem. Quanto mais velho ficava, mais me distanciava, mas isso não ajudou. Aquela garota estava sempre na minha cabeça e coração.

Aperto seus dedos e inalo devagar. O que estou prestes a fazer é inadequado, eu sei que é, mas não posso me impedir de professar meus verdadeiros sentimentos.

— Sempre senti isso também, uma necessidade de cuidar de você e mantê-la protegida de danos, para fazê-la feliz... Eu amo você.

— Que porra está acontecendo aqui? — Claudia e eu nos assustamos com o som da voz de River e nossas mãos se separaram instantaneamente.

— Que porra é essa, River? Não sabe bater?

— Não achei que precisava, seu maldito pervertido.

— River empurra meus ombros com tanta força que a cadeira de jantar se tomba para trás comigo. Ele está em cima de mim, seu dedo apontado para o meu rosto. —

Owen te matará, se eu não o fizer primeiro.

Não posso dizer nada, não tenho defesa.

— Whoa. — Claudia corre para ficar entre nós e coloca a mão contra o peito de River. — Acalme-se.

— O caralho que vou.

— Não havia nada no que viu e ouviu. Bram me ajudava com minhas falas para uma peça.

River dá uma risadinha e passa a mão pela nuca.

— Porra, me assustou. Aquilo que diziam um para o outro parecia real.

Claudia olha para mim e depois para River.

— Era para soar real. É chamado de atuação.

— Droga. Eu pensei... Bem, acho que sabe o que pensei. — Oferece a mão para me ajudar a sair do chão.

— Desculpe-me, cara. Julguei mal essa situação.

Nada sobre sua reação é surpreendente.

— Não se preocupe com isso.

— Não, sinto-me como um completo idiota. Sei que não transaria com a irmã de dezessete anos do seu melhor amigo.

Claudia geme.

— Ugh, percebe que estou com dezoito anos?

— Bem, ainda não fez, então ainda é meu trabalho cuidar de você.

River realmente acha que é seu trabalho cuidar de Claudia? Que piada do caralho. Juro por Deus que preciso de todo o autocontrole para não dizer que é um idiota.

Claudia recolhe os papéis soltos que se espalham aqui e ali durante a minha briga com River.

— Pensei que você e Owen fossem para Chattanooga.

— Estávamos prestes a sair. Owen só queria parar e ver como as aulas iam desde que ainda não foi para casa.

— Nós terminamos há pouco tempo, mas decidi ficar e cozinhar o jantar para Bram, já que ele foi legal o suficiente para passar uma grande parte do seu dia me ensinando.

— Desde quando você cozinha?

Claudia sorri.

— Eu me interessei há alguns meses.

— Você é boa nisso?

Ela levanta a tampa que cobria o molho de carne e o aroma inunda a cozinha.

— Acho que sou muito boa nisso.

River olha por cima do ombro enquanto ela mexe o molho.

— Droga, isso parece bom. Podemos ficar para o jantar?

— Você pode se quiser, eu fiz bastante.

Droga. Lá se vão minhas sobras.

— Não precisa pegar a estrada de volta para a escola?

— Sabe que sempre temos tempo para comer. A menos que vocês dois não nos queiram aqui, estamos *interrompendo*. — River precisa calar a boca sobre o que viu antes de Owen entrar e ouvir.

— Largue isto, River.

— Acalme-se. Era uma piada. Mas, falando sério, é melhor ficar feliz por Owen não ver o ensaio. Ele perderia a cabeça.

— Acredite em mim, eu sei.

— Onde está Owen?

— Oh, porra. Eu me distraí quando ouvi seu ensaio e esqueci-me de falar sobre o que está acontecendo. Owen encontrou uma garota e não uma garota qualquer.

É a garota que estava com *a garota*.

Todos os músculos do rosto de Claudia franzem.

— O que acabou de dizer não faz muito sentido.

— Faz e Bram sabe exatamente de quem estou falando.

— A garota com... *a garota*. Cacete.

— Eu sei.

— Poderia deixar de falar em código e me dizer o que está acontecendo?

— Rebobine para cerca de três anos atrás. Nós tínhamos uma festa de boas-vindas no apartamento. Uma das minhas colegas de classe apareceu e trouxe sua amiga de outra faculdade. Owen e a amiga se deram bem e passaram a noite juntos.

— E agora ele está tentando entrar em contato com a amiga dela? Eca... é tão grosseiro.

— Não desse jeito. Ele realmente gostou da garota com quem passou a noite, mas ela desapareceu antes do amanhecer, Owen não conseguiu o número dela e não faz ideia do porquê saiu sem dizer uma palavra. Está ficando louco tentando encontrá-la nos últimos três anos.

— Parece uma história real da Cinderela, mas não entendo porque não a procurou online. Parece a coisa

mais lógica a fazer.

— Isso seria ideal se soubesse o sobrenome dela ou de onde é. Minha colega de classe, Kelly, não lhe deu nenhuma informação sobre sua amiga quando isso aconteceu há três anos. Owen espera que possa convencê-la a dizer algo, já que faz tanto tempo. Qualquer coisa que possa ajudá-lo a encontrá-la.

Essa garota desapareceu. Literalmente. É romântico, mas triste ao mesmo tempo.

— Nem precisa ser do tipo romântico para sentir pena de Owen.

Claudia coloca a mão sobre o coração e suspira.

— Não fazia ideia. Droga, sinto-me mal pelo meu irmão.

— Bem, espero que seja tempo suficiente para que Kelly pare de esconder as informações da garota. — River olha pela janela. — Mas pelo que posso ver, as coisas não vão bem.

Nós todos sacudimos quando a porta da frente bate.

— Você não acreditará nessa droga de filha da puta. Três malditos anos depois e essa cadela ainda não me diz nada sobre Arden.

Os olhos de Owen são selvagens e parece pronto

para atacar. Sem pensar, o instinto me manda me colocar entre Claudia e ele.

— Qual foi o seu raciocínio desta vez?

Owen anda de um lado para o outro.

— Mesma coisa. Ela diz que Arden pensou que eu era um idiota e nunca mais quer me ver de novo. Não acredito que disse isso, nem por um minuto.

— Talvez Kelly tenha algum tipo de vingança contra você. Garotas podem ser vingativas. Talvez quisesse ficar contigo e está louca porque escolheu sua amiga ao invés dela. Mulheres desprezadas são rancorosas.

A teoria de Claudia não é improvável. Algumas mulheres fazem coisas malucas quando são rejeitadas.

— Nada disso faz sentido. Nós tivemos um ótimo tempo juntos. Foi ótimo. Nós até deixamos a festa e fomos para o meu quarto para conversarmos sem sermos interrompidos. Nós conversamos e rimos por horas.

— Acho que pode ser hora de considerar que ela não estava tão interessada em você quanto pensava. — River precisa repensar o que diz a Owen durante esse momento volátil.

— De jeito nenhum. Nós conversamos na primeira metade da noite e fomos pelo resto, fiz essa garota vir pelo menos três vezes. Confie em mim quando digo que

estava na minha e tudo o que fazia com ela. Grande momento.

Claudia cobre as orelhas.

— Eca, ew, ew. Sou sua irmã, não pode falar sobre isso na minha frente.

— Desculpe, mana, não deveria dizer isso para você ouvir, mas estou frustrado.

— Posso dizer o quanto se importa com essa garota. Há algo que eu possa fazer para melhorar?

— Não. Só quero voltar para o apartamento e socar alguma coisa.

— De jeito nenhum vamos embora antes de eu conseguir um pouco de espaguete.

River pode ser um verdadeiro idiota às vezes.

— Não estou com fome. Consiga um pouco e vamos.

— Posso levar um pouco, Claud?

— Não cozinhei o macarrão ainda, mas prepararei um pouco de molho de carne para você. Tudo o que precisa fazer é cozinhar o macarrão.

Owen ri.

— Obviamente nunca viu sua falta de habilidades na

cozinha.

— Não estou preocupado com minhas habilidades na cozinha. — River faz algum tipo de movimento com a mão. — O quarto é onde minha especialidade conta.

— Novamente, ei. — Claudia segura o prato. — Coloquei o suficiente para vocês dois se ficar com fome.

— Obrigado, mana. — Owen vem até ela e beija sua testa. — Aprecio isso.

Owen e River saem e estamos sozinhos novamente. Não tenho certeza de onde vamos a partir daqui, mas tenho certeza sobre uma coisa:

Estou trancando a porta da frente

Capítulo Seis

Bram Windsor

— Droga. Isso foi quase um horror clichê.

Torço a chave na porta, desejando ter feito isso antes que River entrasse e arruinasse o momento que tive com Claudia.

— Não posso acreditar que River abriu a porta da frente e entrou na minha casa sem tocar a campainha ou, pelo menos, chamar para me avisar que estava aqui.

— Moraram junto por cinco anos, acho que ele pensa que não tem que fazer esse tipo de coisa.

— Isso foi Chattanooga e não aqui. Minha vida é diferente agora. Não bebo mais até tarde da noite e apareço de ressaca na aula. Não me esgueiro para fora da cama de alguém às cinco da manhã para ir para casa porque a garota com quem dormi pode acordar e perguntar se planejo ligar para ela mais tarde. Não mais me pergunto o que quero da vida.

— Sente falta de morar com eles?

— Nós três ficávamos bêbados e de ressaca por boa parte dos últimos anos. Nenhuma dúvida sobre isso. Tivemos ótimos momentos, mas festejamos todas as noites. Estou pronto para o próximo capítulo da minha vida

— O próximo capítulo da sua vida me inclui? — Claudia brinca com o colar pendurado no pescoço. Um de seus tiques nervosos. *Está realmente preocupada se planejo cortá-la da minha vida?*

— Já houve algum capítulo em que não a incluiu?

— Mal o vi nos últimos oito meses, então sim, parece que estou perdendo o último capítulo.

— Nós podemos não ter nos visto, mas você não saiu da minha vida e nunca sairá. No que diz respeito ao último capítulo, não pode imaginar o quanto fez parte disso.

— Quero saber, Duke. Fale.

Meu coração implora a minha boca para libertar as palavras. Mas minha cabeça sabe que uma vez que elas forem ditas, não haverá como recuperá-las, não haverá como dizer a Claudia para fingir que nunca as ouviu.

Admitimos compartilhar um vínculo especial. Não há mal nisso. Não é errado. Nós reconhecemos e aceitamos que nossos corações e almas estarão

eternamente entrelaçados, mas ir mais longe, admitir o quanto a quero fisicamente, é algo completamente diferente.

Este é um momento crucial em nosso relacionamento. Nada será o mesmo se eu disser essas palavras.

— Pare de ter tanto medo.

— Viu a reação de River. Nós mal tivemos contato físico e ele ficou totalmente pirado. Owen... River... Seus pais. Droga, Claud todos vão me matar se eu te tocar.

Ela vem até mim e coloca as palmas das mãos no meu peito.

— E eu ficarei louca se não fizer isso.

Pressiono minha testa na dela.

— Eu quero. Deus, quero tanto que dói.

Claudia passa os dedos pela parte de trás do meu cabelo.

— Então faça.

Puxo-a para mais perto, para que nossos peitos pressionem juntos. Meus lábios pairam sobre os dela e hesito para que possa saborear o compartilhamento da respiração antes do nosso primeiro beijo.

— Minha pequena pombinha.

Ela sorri e acena com a cabeça.

— Sim. Sou sua pequena pombinha. Sua garota. Seu ponto final.

Coloco minha mão ao redor de sua bochecha macia e esfrego meu polegar para trás e para frente sobre seus lábios.

— Às vezes, meus pensamentos são consumidos por como seria beijá-la. Tocar em qualquer lugar que eu quisesse. Tê-la embaixo de mim.

Claudia lambe os lábios e suspira.

— Também penso nisso. O tempo todo.

Minhas mãos envolvem as laterais do rosto dela enquanto nossas bocas se encontram. Lábios fechados nos lábios fechados. O começo do nosso beijo é lento e doce, mas não por muito tempo. Evoluindo para algo mais sedutor, assim como minha pequena pombinha é.

Cada movimento que nossas bocas compartilham me deixa mais perto de prová-la pela primeira vez. E então acontece. Sua língua úmida e aveludada toca a minha e todas as extremidades do meu autocontrole. A troca lenta e doce de beijos de boca fechada se transforma instantaneamente em uma luta acalorada entre nossas línguas.

Avanço, empurrando-a para trás até que está pressionada firmemente contra a parede sem ter para onde ir. Minhas mãos deixam seu rosto e passeiam pelos seus lados até encontrarem seu short. Meus dedos se arrastam pelas aberturas e encontram a beira de sua calcinha.

— Ohhh... Duuuke. — As palavras que saem de seus lábios são suaves e delicadas, são apenas mais do que um sussurro ofegante, mas ouvir o meu apelido especial dito com tal desejo inflama a explosão de luxúria que suprimi.

Minhas mãos seguram a parte de trás de suas coxas, levanto-a e suas pernas sobem e envolvem minha cintura como fez tantas vezes antes, mas nunca assim. Nunca com as costas empurradas contra a parede. Nunca com minha boca devorando seu pescoço. Nunca com meu pau esfregando sua boceta através de nossas roupas.

Sabia que a queria, mas nunca sonhei que seria assim: tão desesperadamente.

— Porra... Você é tão sexy.

Um dos braços dela está em volta dos meus ombros, o outro chegando, para que a mão dela possa agarrar a parte de trás da minha cabeça. Ela aperta com força, puxando-me para perto. Seus sussurros antes brandos são agora gemidos ofegantes contra meu ouvido.

— Leve-me para a sua cama.

Paro e saboreio a sensação de seu corpo pressionado contra o meu por um momento antes de abaixar seus pés para o chão. Pressiono minha testa na dela e simplesmente desejo compartilhar o mesmo espaço antes de dizer aquelas temidas palavras.

— Eu quero.

— Você pode, Duke. Estou pronta. Quero isso. — Embala os lados do meu rosto e se inclina para pegar o nosso beijo novamente.

— Não posso. — Agarro seus pulsos e a abraço a certa distância. Beijo o interior da palma da sua mão para diminuir a dor do que estou prestes a dizer. — Ir tão longe é errado.

Claudia sacode a cabeça.

— Nada sobre isso é errado. Pertencemos um ao outro. Eu sei disso. Você sabe disso. E em breve nossos amigos e familiares também saberão.

— Não. Não. Não. Isso não pode acontecer.

— Pode acontecer e acontecerá.

— Você está certa, mas não antes de completar dezoito anos.

— Não, Duke. Isso é daqui a dois meses, não ficarei

longe de você novamente.

— Não temos que nos separar. Nós simplesmente não seremos sexualmente ativos até você atingir a idade de consentimento. Eu poderia entrar em sérios problemas.

— Vamos ter cuidado. Ninguém saberá.

— Seria irresponsável. Não podemos nos envolver nesse tipo de situação novamente. Não importa o quão excitado estou. Sou homem e estar entre suas pernas me deixa fraco para caralho.

— Gosta de estar entre as minhas pernas, hein?

A tentação é inacreditável. Meu pau fica duro e literalmente ganha o poder de superar todos os pensamentos racionais em minha mente.

— Oh, mais do que gosto de estar entre suas pernas.

— Também gosto disso. — Libero seus pulsos e tomo suas mãos nas minhas.

— Oito semanas não está tão longe.

O canto da boca dela puxa para baixo. Não é bem uma carranca, mas definitivamente não é o lindo sorriso que adoro ver.

— Oito semanas parece uma eternidade, mas acho que tentaremos.

— Não há espaço para tentativas. Este é um assunto sério, Claud.

— Acredito no que você diz, serei uma boa menina. Prometo.

Sua meia carranca transita em um sorriso malicioso. Esta não é a primeira vez que vejo esse olhar. O problema sempre o acompanha.

— É melhor ser uma boa menina, porque eu ficaria horrível em um desses macacões laranja, pegando lixo na beira da estrada.

— Pare, Duke. Não diga coisas sobre ir para a cadeia. Isso não acontecerá.

— Droga, isso é verdade. Porque mantereí minhas mãos e meu pau para mim até que você sopre as dezoito velinhas. — E depois que ela fizer, eu a colocarei sobre o meu joelho e darei dezoito beijos por toda essa bunda.



Cinco noites de aulas. Cinco noites de provocação. Cinco noites de brincadeira. Adicione essas coisas juntas e o que ganha? Um caso recorde de bolas azuis.

Mas não é culpa de Claudia, se não fizesse nada além de respirar, meu pau ainda ficaria duro para ela.

Nunca tive que exercitar tanto autocontrole na minha vida.

Essa porra é exaustiva, mas cem por cento necessárias. Caso contrário, eu teria Claudia empurrada contra a parede novamente, exceto com meu pau enterrado dentro dela. *Estou ansioso para esse dia chegar.*

Claudia pula em meus braços assim que abro a porta.

— Esta felicidade é por me ver? Ou foi bem no teste de cálculo?

— Ambos.

— Como acha que se saiu?

— Muito bem. Havia três problemas bônus e tenho certeza que acertei todos eles.

— Isso é ótimo, namorada.

— Namorada? — Ela ri.

— Tudo bem se te chamar assim?

— Se for o que quer. Nunca tive um namorado antes, gosto disso.

Chuto a porta fechada e a levo para o sofá.

— Nenhuma aula hoje à noite. O que quer fazer?

— Provavelmente não é a melhor ideia, mas pensei que poderíamos ficar aqui. — Claudia move as mãos pelos meus braços e ao redor dos meus ombros. — Talvez pudesse me ensinar um assunto diferente.

— Claud...

— Não sexo completo. Preliminares. Beijos. — Pressiona um beijo suave nos meus lábios. — Toques. — Coloca as mãos sobre o meu peito. — Exploração. — Suas mãos se movem mais para baixo em direção ao meu jeans.

Agarro seu pulso quando tenta abrir minhas calças.

— E o que acontece quando nos empolgamos e a coloco contra a parede novamente?

— Sou a única que precisa do reforço, então você me diz o que acontece.

Porra, a restrição está me drenando. Pego sua mão na minha e beijo seu pulso interno.

— Nós jogaremos pelo seguro e assistiremos a um filme.

Cláudia exala dramaticamente quando cai no encosto do sofá.

— Meu Deus, meu namorado é um homem de vinte

e três anos que parece ter cento e três.

— Bem, este homem de vinte e três anos não aguentaria outro tesão daquele. Minhas bolas não conseguem decidir se devem explodir ou implodir.

Ela se senta e pega minhas calças novamente.

— Duke... Deixe-me fazê-lo gozar.

— Ah, porra, não aguento isso. Você está me matando.

— É minha culpa você estar nesse tipo de miséria.
— Abre o botão do meu jeans e abaixa o zíper. — Deixe-me ajudá-lo a obter algum alívio. Você se sentirá muito melhor.

Movo suas mãos e empurro meu pau de volta em minhas calças quando se projeta.

— Não há nada que eu amaria mais, mas não posso deixá-la fazer isso.

Claudia abaixa a cabeça.

— Sinto muito.

— Não se desculpe. Amo que me queira bem. Confie em mim, deixarei assim que você puder.

Mãos. Boca. Boceta. Bunda. Usarei tudo isso.

— Quarenta e nove dias... — Claudia sussurra.

— Será tão bom quando isso acontecer porque tivemos que esperar. — Sei que valerá a pena cada minuto quando finalmente conseguir meu pau dentro dela.

— Nunca esperou por sexo com mais ninguém. Você queria e elas o deram naquele momento.

— Não quero falar sobre isso. — Quando é jovem, está bêbado e transa com uma garota que abre as pernas para você, nunca considera ter essa conversa anos depois com a mulher que ama. Não pensa em como um dia precisará explicar como usou o corpo de outra mulher para seu próprio prazer egoísta. Nunca soube o quanto me arrependeria daquelas que vieram antes dela.

— Eu sei que teve muitas garotas. Posso ser jovem, mas não sou idiota.

— Não acho que seja estúpida ou ingênua, mas nunca é uma boa ideia conversar com sua namorada sobre o que fez com outras pessoas no passado. Nada de bom virá disso. Isso só provocará sentimentos ruins.

— Ufa. — Enxuga a mão na testa. — Fico feliz que se sinta assim. Isso significa que não teremos que conversar sobre quantos garotos me foderam.

— Quantos garotos te foderam. — Que diabos? —

Espere só um minuto...

— Acha que devemos assistir a um filme ou uma série de TV? Temos que nos ocupar com algo que não seja sexo e todas as coisas que levam a isso pelos próximos quarenta e nove dias. Talvez pudéssemos começar a assistir *American Horror Story*. Ouvi que é muito bom.

— Calma lá, pombinha.

— Filme ou série de TV?

— Antes explique o que quis dizer com *quantos garotos te foderam*.

— Não há nada para explicar. Você disse que não teremos essa conversa porque nada de bom viria disso.

— Não achava que tal conversa existisse de sua parte. — Assumi porque não tinha um namorado, então não teve sexo. Acho que isso foi uma suposição burra.

— Então quer falar sobre mim, mas nós não podemos falar sobre você? Tem que saber que isso não rolará comigo.

— Quero saber quantos foram.

— Não. Você disse que não falaríamos sobre isso, então não falaremos.

Não deixarei isso passar até obter algumas respostas.

— Sim, nós falaremos. Diga-me agora. Quantos meninos a foderam?

Claudia envolve a mão no meu queixo, aperta e então meus lábios se franzem. Dá um beijo rápido na minha boca e solta-a.

— Ninguém me fodeu. Guardei-me para você.

— Você. Pequena. Tentadora. Venha aqui. — Puxo-a para o meu colo, de bruços, e bato na bunda dela três vezes. — Ensinar-lhe-ei a não foder comigo assim. — Bato na sua bunda mais uma vez antes de permitir que se vire, ela se enrola em meus braços como um bebê.

— Gostou do jeito que se sentiu, Duke? Não saber e imaginar o pior?

— Entendi agora. Não. Não gostei nada disso.

— É assim que me sinto sem saber. Imagino entalhe após entalhe em sua cabeceira da cama. — Não quero que Claud tenha a sensação doentia em seu intestino que acabei de experimentar.

— Não conto detalhes.

— Não preciso de um número exato. — Isso é bom porque não tenho um. Alguns rostos, mas principalmente circunstâncias, cenários e lugares piscam em minha mente.

— Pelo menos umas vinte. Comecei a atividade aos meus quinze ou dezesseis anos.

— Amou alguma delas?

Droga, duvido que possa lembrar o nome de três delas.

— Não. Foi apenas sexo. Principalmente em noites de festa.

— OK. Isso é tudo o que queria: saber a verdade.

— E está bem com isso?

— Bem, gostaria que não estivesse com todas aquelas garotas, mas é seu passado. Nada para ser feito agora.

Também gostaria.

— Saiba disso, Claudia: você é a única que eu esperei para ter. A única que já teve um lugar dentro do meu coração. A única... que já amei.

— E você é o único que já amei também.

Confessar meu amor por Claudia é aterrorizante. Estou colocando muitas coisas em risco: minha amizade ao longo da vida com meus dois melhores amigos; Meu relacionamento com Staci e Shane Bliss; A opinião que minha família tem de mim; O respeito dos meus colegas de trabalho.

Poderia perder tudo admitindo meu amor por essa garota. E, no entanto, estou disposto a arriscar tudo por ela.



Sweet
TORMENT

Capítulo Sete

Claudia Bliss

Duas semanas depois

Minha mãe usa um palito para aplicar pressão na faixa de cílios que acabou de colar na minha pálpebra.

— Não me cutuque nos olhos com isso.

— Fique quieta. Eu sei o que faço.

Minha mãe sabe exatamente o que faz. Ela tem um verdadeiro talento quando se trata de cosméticos. Tenho sorte de tê-la para me ajudar a me preparar para o baile.

— Abra. — Levanto meus olhos e ela julga seu trabalho.

— Parece bom, graças a Deus. Acho que choraria se tivesse que tirá-lo para fazer de novo.

— Eu também. Nunca parece certo quando tira e faz de novo, acaba parecendo uma bagunça endurecida.

Mamãe se move, então não está mais bloqueando a

visão de mim mesma no espelho.

— Dê uma olhada e me diga o que acha.

Inclino-me sobre a penteadeira para uma inspeção mais próxima. Olho esfumaçado em pêssego cintilante e marrom. Delineador preto tipo gatinho. Destaques e contornos. Lábios com batom cor matte.

— Está perfeito, mãe. Parece com a foto que mostrei para você.

— Que horas chega o Oscar?

— Estará aqui em cerca de trinta minutos.

— É melhor se vestir, quero tirar muitas fotos sua antes que ele chegue.

Estou dolorida depois de ficar sentada sob as luzes do banheiro por tanto tempo.

— Preciso me refrescar, então não estarei suada quando colocar o vestido. Deixe-me primeiro pegar uma bebida gelada.

Estou de pé na cozinha bebendo água e usando apenas minha calcinha e uma camisa de botão quando Owen e Bram chegam.

— Droga, Claud. Pode colocar algumas roupas e parar de andar pela casa nua? — Minha camisa não é incrivelmente longa, mas a bainha bate abaixo da minha

calcinha.

— Desculpa. Não sabia que estavam aqui.

— Bem, nós estamos aqui, e Bram não quer vê-la correndo sem roupa.

É quase impossível não cair na gargalhada, mas consigo aguentar isso. Owen dá um tapinha no bolso de trás.

— Deixe-me pegar minha carteira e, em seguida, vamos.

A maneira como os olhos de Bram me inspecionam da cabeça aos pés arrepiou-me entre as minhas pernas.

— Você está incrível.

— Obrigada.

Ele ri.

— Esperava vê-la em seu vestido, mas isso é ainda melhor.

Bram e eu tivemos alguns amassos, mas nada disso envolveu a remoção de roupas. Este é o mais próximo que Bram chegou de me ver nua.

— Gosta do jeito que fico em apenas uma camisa e calcinha?

Ele sorri e acena com a cabeça.

— Claro que sim. Gosto muito disso.

Gostaria de saber se gostaria de ver-me mais vezes assim. Sei que não deveria fazer isso, mas não posso resistir.

— Claud...

Não paro de puxar minha blusa até que Bram veja minha calcinha e meu estômago nu. As pontas dos meus dedos descem pelo triângulo de renda rosa que desaparece entre as minhas pernas.

— Isso será seu em breve.

Bram alcança seu cabelo e o bagunça.

— Não breve suficiente.

Puxo a renda para o lado para que ele possa ver o que está por baixo.

— Sabe que quer isso. Quer tocá-la. Você pode.

— Oh. Porra. Eu.

— Estou morrendo de vontade. — Sorrio enquanto abro minha camisa. — Hoje à noite, se quiser.

— Você é uma garota tão má por me tentar assim, sabe como sou fraco.

Nada sobre Bram é fraco. Nunca conheci um homem mais forte na minha vida.

— Eu diria que é o oposto.

Sorrio por trás da minha garrafa de água quando Owen retorna para a cozinha.

— Pronto para ir?

— Sim, mas antes preciso usar o banheiro. — Aposto que sim.

— E eu preciso vestir meu vestido.

Sigo Bram pelo corredor.

— Divirta-se lá se masturbando. A menos que queira que eu entre e te ajude.

— Enquanto cuido do que fez comigo, fantasiarei sobre bater forte na sua bunda.

Pego sua mão e coloco na minha bunda.

— Ooh, espancar-me forte e depois tomar-me por trás.

Bram puxa a mão e geme.

— Porra, Claud. Você não fala ou age como virgem.

— É impossível ser correta quando está sempre com três garotos grosseiros. Cresci em torno de você, Owen e

River. O que pensou que aconteceria?

— Não tinha ideia de que te transformariamos *nisso*.

— Você gosta. Admita. — Não posso mentir, amo tudo isso. — Quero-o hoje à noite.

Bram exala lentamente enquanto ajusta seu pau através de seu jeans. *Poderia fazê-lo se sentir muito melhor se ele deixasse.*

— Não é a melhor ideia, amor. As probabilidades são boas de que Owen e River dormirão na minha casa depois de assistirmos ao jogo.

— Se eles dormirem, nunca vão saber que estive lá. Posso entrar e sair e não saberão. — Sou boa em ser sorrateira quando quero ser.

— É muito arriscado. — Agarro a frente da camisa dele.

— Quero te ver.

— Quero vê-la também, mas não, se isso significa perder tudo o que trabalhamos tão duro para manter. — Embala o lado do meu rosto e acaricia o polegar sobre a minha bochecha. — Só mais cinco semanas, pombinha, tem de se controlar. — Viro meu rosto para a mão dele e beijo sua palma.

— Ok, mas me mande mensagem se não ficarem.

— Eu vou.

— Amo você.

— Amo você também. — Bato levemente na porta do banheiro assim que se fecha e Bram a abre. — Não, não pode entrar e me dar uma punheta ou boquete ou qualquer outro tipo de coisa.

Coloco minha boca na fresta e sussurro:

— Ei, quando me pegar por trás, quero que puxe meu cabelo.

— Oh, não se preocupe. Isso acontecerá.

Ainda estou sorrindo e talvez rindo um pouco quando volto ao meu quarto.

— Esse grande sorriso não teria nada a ver com certo tutor de cálculo, teria? — Por que no mundo minha mãe diria algo assim?

— Mãe. Não.

— Você é uma péssima mentirosa, Claudia. — Isso não é bom. O que digo para despistá-la?

— Ele é... Bram. Eu o conheço toda a minha vida. É o melhor amigo de Owen.

— E o amou a vida inteira. Assim como ele a ama.

— Droga. Ela sabe, não há como negar isso.

— Não sei o que dizer.

— Não precisa dizer nada. Está escrito no seu rosto.
— Ela tem o poder de causar sérios problemas para Bram e para mim.

— Você está brava?

— Não. Adoro o Bram. Por que ficaria com raiva? —
Deus, que alívio.

— Porque ele é muito mais velho do que eu.

— Como se houvesse tantos anos entre vocês, especialmente depois que ficou um pouco mais velha. —
Sinto o mesmo.

— Nós nos preocupamos que as pessoas se oponham a nós estarmos juntos.

— Nunca teria que me preocupar com Bram te machucando. Isso me dá paz de espírito. — *Não pensei nisso assim.*

— Planejamos contar a todos depois do meu aniversário. O que acha que papai dirá?

— Bram é como um filho para nós, mas também é um homem. Seu pai ainda te vê como sua garotinha, pode não ser conquistado tão facilmente quanto eu, mas irá com o tempo.

— Estamos preocupados com a reação de Owen.

— Seu irmão é protetor com você, não acho que goste muito no começo, mas aceitará depois que o choque passar.

— Você manterá o nosso segredo até que estejamos prontos para contar a todos?

— Sim, mas primeiro preciso saber uma coisa. Vocês fizeram sexo?

— Não mãe, ele não me tocou.

As sobrancelhas da minha mãe se levantam.

— Não esperaria outra coisa de Bram. Sei que a trataria com o maior respeito, nunca faria nada para nos aborrecer ou ao seu irmão em relação à você.

É um enorme alívio ter a aprovação da minha mãe.

— Obrigada por ser tão compreensiva. Você é a melhor mãe do mundo.

Ela olha para cima e pisca rapidamente.

— Não me faça chorar, não posso borrar o rímel.

— Colocarei meu vestido enquanto pega um lenço.

— Coloco o vestido curto de lantejoulas turquesa e mamãe puxa o zíper para cima. Subo em meus saltos. Seria considerada altura média agora.

Talvez.

— Você está linda, menina.

— Obrigada.

— Vamos ver se os meninos ainda estão aqui. Gostaria de tirar algumas fotos com eles. — Estou muito feliz quando encontramos Bram e Owen ainda na sala de estar. Owen se levanta e me dá uma olhada.

— Wooo... Está linda.

Seguro a saia do meu vestido e dou uma volta.

— Gostaram?

— Você está ótima, mana. Todos os garotos desse baile desejarão dançar com você.

A testa de Bram enruga. *Não vá lá, Duke. Não comece a questionar o que farei hoje à noite enquanto não estou com você.*

— Você me conhece, não sou uma boa dançarina. — Mamãe bate no ombro de Bram.

— Levante. Quero uma foto sua e de Claudia juntos.

Owen joga as mãos no ar.

— Que droga, mãe. Não quer uma do seus filhos juntos?

— Espere, Owen. Tirarei sua foto em um minuto.

O sorriso de Bram é largo quando se aproxima.

— Você está linda.

— Obrigada.

— Bram, coloque o braço em torno de Claudia. — Faz o que a mamãe diz, mas também abaixa a cabeça para sussurrar no meu ouvido. — Owen está certo. Todos os garotos desejam você.

— Não importa, não gosto de garotos. Gosto de *homens*. — Amo o sorriso enorme que se espalha em seu rosto.

— Quero algumas fotos. — Mamãe tira pelo menos cinquenta fotos de nós. O tempo todo penso em uma só coisa: daqui a alguns anos, vamos mostrar essas fotos para nossos filhos e contar a eles a nossa história.

— Ei, ninguém me disse que havia uma sessão de fotos. Eu quero também. — River corre através do gramado e envolve seus braços em mim por trás, fazendo a temida pose de formatura.

— Quase pronto, mas preciso de todos juntos. — River dá um passo para trás para que Bram possa tomar o lugar ao meu lado. É engraçado como sempre foi assim, mesmo quando éramos crianças, sempre soube instintivamente que o lugar de Bram era ao meu lado.

Se passasse por fotos de quando eu era bebê ou

criança, veria que nove entre dez vezes foi Bram me segurando. Ocasionalmente Owen e raramente River.

— Olhe quem eu encontrei. — Sigo o som da voz do meu pai e o vejo com Oscar e os pais, vindo em direção ao local da nossa foto pelas azáleas rosa-choque.

Não estou empolgada com Bram me vendo com Oscar, então interpreto o mais platônico possível.

— Ei, é o *costeleta de porco* todo estiloso em um smoking. — Chamar a pessoa de costeleta de porco é tão pouco romântico quanto possível.

Ele sorri e ajusta sua gravata borboleta.

— Sinto-me ótimo nisso aqui.

Ele vem até mim e abre um recipiente de plástico transparente segurando um bracelete de flores.

— Flores para a senhora.

Droga. Não é legal seu namorado ver outro cara te dar flores de qualquer tipo.

— É lindo, mas não precisava fazer isso.

— Isso é o que um encontro de formatura faz. — Queria que Oscar não se referisse a si mesmo como meu encontro na frente de Bram. Embora saiba que estamos indo juntos como amigos, sei que Bram não gostará de ouvir isso.

— Obrigada. — Olho para Bram quando Oscar coloca o elástico ao redor do meu pulso. Assim como suspeitava, ele não parece feliz.

— Fique com Claudia, Oscar. Preciso tirar fotos de vocês dois. Não se preocupe. Serei rápida, sei que precisam ir para o ônibus da festa em breve. — Oscar coloca seus braços em volta de mim, mais da temida pose de formatura, e eu coloco meu melhor sorriso para a câmera. Quando terminamos, olho para Bram e seu largo sorriso foi substituído por uma carranca. *Bem, droga. Nada que eu possa fazer sobre isso agora.*

— Preciso pegar minha bolsa antes de irmos. — Saio do meu quarto e colido com Bram no corredor.

— Mudei de ideia. Quero vê-la hoje à noite, então me mande uma mensagem quando sair do baile. — Não consigo disfarçar o sorriso que se espalha no meu rosto.

— Ok, mas e os dois empata foda?

— Darei um jeito neles. — Encolhe os ombros. — Talvez deixe-os beber Jack Daniels até desmaiar.

— Bêbado e desmaiado. Gosto muito desse plano.

— Porra, quero te beijar, mas estragarei seu batom.

— Que tal mais tarde?

— Talvez deixe um anel em torno de seu pau.

— Combinado.



Sweet
TORMENT

Capítulo Oito

Bram Windsor

Tentei safar-me com o menor consumo possível de uísque, mas deveria saber que deixar Owen e River bêbados atrapalharia meus planos. Fui ingênuo por pensar que pegaria a garrafa de uísque e me deixariam beber pouco. É a lei dos caras.

Sorte minha que o ônibus de Claudia não chega por mais algumas horas, isso me dá um pouco de tempo para beber um pouco de água e ficar sóbrio. Não preciso do meu pensamento nublado quando tenho que manter minhas calças. Já tenho muitas tentações com ela quando não tenho álcool na cabeça, mas tenha bolas azuis, uma garota disposta e um pouco de Jack Daniels na mistura e terá uma receita para tomar decisões extremamente ruins.

Uma ou duas horas depois e estou um pouco melhor quando ela escreve.

— À caminho.

— **Pronto para te ver, amor. Porta está destrancada.**

Passaram-se duas horas. É uma luta manter os olhos abertos enquanto espero por Claudia. O sono está perto de me reivindicar quando a porta do meu quarto finalmente se abre.

— Claud? É você?

Idiota. Não deveria dizer o nome dela no caso de ser Owen ou River.

— Sou eu.

— Ei, amor. Você se divertiu?

— Foi bom.

Ainda me lembro do meu baile. Nós nos divertimos mais do que qualquer estudante do ensino médio poderia.

— Só bom?

— O baile é um dos eventos mais importantes da vida de alguém, mas você não estava lá para compartilhar comigo. Simplesmente, não o senti tão especial para mim.

Estou um pouco bêbado e talvez um pouco sonolento, mas chego a toda atenção quando ouço o som de um zíper.

— O que está fazendo?

As cobertas se movem e um corpo macio, quente e delicioso deita na minha cama.

— Claud, que porra está fazendo? Owen me matará se te encontrar assim na minha cama. — E será uma morte lenta e dolorosa.

— Eu os vi quando entrei, estão roncando como lenhadores serrando madeira, nunca saberão que estou aqui.

Rasteja sobre o meu corpo e sobe em meus quadris. Automaticamente estendo a mão para tocá-la e sinto a pele quente, macia e suave no lugar de lantejoulas e cetim.

— Claud...

— Você cheira a uísque, gosto disso. — Ela se inclina para beijar o lado do meu pescoço e esfrega sua boceta para frente e para trás contra a minha crescente ereção. — Por favor, Duke. Não me diga para parar. Não dessa vez. — Nós nos tocamos um pouco mais nas últimas duas semanas, mas nunca ficou em cima de mim assim. E certamente nunca fez isso sem roupas.

— Você está nua.

— Não inteiramente. Ainda estou de calcinha... E saltos. — Aqueles saltos de três polegadas fizeram suas

pernas parecerem alongadas. E aquela calcinha de renda rosa... A que ela puxou para o lado para me dar um show. Tão sexy.

— Não posso tocá-la. — Soo como um gravador. Sei que ela se cansou de ouvir isso e me canso de dizer isso também, mas nada mudou.

— Diz isso há meses. — Pega minhas mãos e as coloca na cintura enquanto move os quadris em um movimento circular. — Eu. Digo. Que. Você. Pode.

Isso é o que meu pau diz também. Os dois estão de complô contra mim e estão me esgotando. Estou tão cansado de lutar contra o meu desejo por ela, só quero transar com ela.

— Claro, não quero ter problemas com a lei, mas a chance de alguém nos descobrir é quase inexistente antes do seu aniversário. Mas a coisa é, não é realmente sobre isso para mim. É com Owen e seus pais que me preocupo, quero fazer isso da maneira certa.

— Tenho novidades para você, Duke. Ainda será seis anos mais velho depois que eu completar dezoito anos. Nunca te alcançarei e sempre serei a irmãzinha de Owen.

— Tenho uma chance maior de obter sua aprovação se esperarmos.

— Nós já temos a aprovação da minha mãe.

De repente me sinto muito sóbrio.

— Como pode dar sua aprovação se não sabe sobre nós?

— Juro que não contei, ela descobriu por conta própria. Disse que sempre soube o quanto nos amávamos.

— Acha que é tão óbvio para todos os outros também?

— Acho que nos escondemos bem, mas a intuição de mamãe foi mais forte. Você não se sente melhor sabendo que ela nos deu sua bênção?

— Talvez. Eu não sei. Depende. Ela dirá ao seu pai e Owen?

— Pedi que não fizesse e concordou, ela nos deixará sermos os únicos a dizer para todos depois do meu aniversário.

— Obrigado por isso.

— O suficiente sobre isso. — Claudia entrelaça seus dedos nos meus e juntos nós os apertamos. — Eu quero você, Duke. Muito. Esperar está me matando.

— É difícil para mim também. — Meu pau fica duro apenas com o pouco de alívio que minha mão poderia

fornecer. Sofria com a necessidade de estar dentro dessa garota. Cada. Fodido. Dia. Ninguém pode acreditar que parei de foder tudo com um buraco. Estão todos se fazendo a mesma pergunta: por quê?

Apenas uma resposta: *Ela*. Claudia Laine Bliss.

Amo a porra dessa garota. Obcecado como um maldito louco. Não posso ter o suficiente e ainda não transei com ela. Nós mal nos tocamos. Beijos, isso é tudo que eu permiti, mas não será assim depois do aniversário dela.

Eu a foderei de noventa e nove maneiras diferentes.

Ela esfrega contra o meu pau duro. Masturbação a seco. Isso é o que as crianças fazem, mas não sou criança. Não sou há muito tempo.

Aquela pequena sedutora está sentada sobre mim, gemendo no meu ouvido. Foda-se o que todo mundo pensa ou diz. Leve ela. Ela é sua. E está tão excitada. Aquele filho da puta assumiu residência permanente dentro da minha cabeça desde que comecei a ver Claud. Eu o ignorei, mas não mais. Estou cansado de me privar do prazer.

— Quero olhar para você.

Talvez seja o uísque. Talvez seja o caso das bolas azuis que nunca desaparecem. Talvez seja que sou um

filho da puta com tesão desesperado pelo toque da garota que ama. Seja o que for, não posso mais fazer isso. Preciso de algo, talvez apenas um pouco de sabor, para me satisfazer até que possa verdadeiramente tê-la.

Acendo a luz da cabeceira e começo minha jornada visual por seu corpo, começando no topo. Seus longos cachos escuros foram torcidos no alto em um coque bagunçado.

— O que aconteceu com seu cabelo?

— Eu o amarrei quando abaixaram as janelas no ônibus. — Não sei porque, mas um coque no topo da cabeça de uma garota, acho super sexy.

— Gosto quando usa seu cabelo assim. — Ajoelho-me e coloco a ponta do dedo indicador no pescoço dela logo abaixo do queixo e desço até perto de chegar aos seus peitos. Passei muito tempo imaginando como são e não fico desapontado. Cheios. Exuberantes. Redondos. São perfeitos — Lindos para caralho, Claudia. São perfeitos, assim como imaginei que seriam.

Ela os segura e os empurra para cima e juntos. Piedade.

— Droga. Poderia gozar aqui e agora.

— Todo esse tempo e nunca tocou neles.

— E não vou agora, mesmo que esteja morrendo de

vontade. Confie em mim. Quero beliscar e lamber e chupar tanto que mal consigo resistir.

Sua respiração engata e ela suspira.

— É isso aí, Claudia. Farei todas essas coisas e terá minha marca quando terminar com você. — Desejo tornou seus olhos normalmente azuis em quase negros.

— É o que quero, Duke. Ser marcada por você. Ser toda sua.

Meu pau fica mais duro e pré-goza vaza da ponta quando olho para baixo e vejo o círculo molhado de sua calcinha.

— Porra, Claud. Posso ver como está molhada.

Ela afasta as penas e toca a mancha com as pontas dos dedos. Eu a vi tocar-se mil vezes em minhas fantasias, mas a realidade é muito melhor.

— A prova do quanto o quero.

Nós exploramos um ao outro nas últimas duas semanas, mas não me atrevi a tocar sua boceta. Não sei como é correr meus dedos pelas dobras quando está tão escorregadia por necessidade e desejo. Ou o que é sentir empurrar meus dedos dentro de sua boceta doce e molhada enquanto ela monta minha mão.

Mas saberei. Em breve.

— Tire essas calcinhas. Quero ver o que espero tanto tempo para ter. — Empurra seus polegares dentro do cós e levanta os quadris enquanto desce o tecido pelos quadris e pernas. Quando minha garota está nua, ela junta os joelhos, lembrando-me que nunca ficou exposta a um homem até agora. Parece tão doce e inocente assim. Estendo minha mão. — Dê-me à calcinha.

Entrega-me a calcinha e a trago ao nariz. Meu pau começa a pingar quando sinto o cheiro de sua fragrância feminina, seu doce néctar enchendo meus pulmões.

— Você cheira deliciosamente bem. Bom o suficiente para lamber. Comer. Devorar.

Claudia levanta a perna e empurra a ponta do seu salto alto brilhante para a protuberância.

— Tire-os. Quero ver o que esperei tanto tempo para ter.

Levanto e fico ao lado da cama, olhando para ela. Seus olhos se movem para o meu pau e se arregalam quando empurro meu boxer.

— Duke...

Não termina a frase, mas sei o que minha garota está pensando.

— Prometo que caberá... quando for a hora certa. Mas isso não será hoje à noite. Nós não transaremos.

Envolvo minha mão em torno do meu pau e o acaricio para cima e para baixo enquanto meus olhos devoram seu corpo nu. Tenho gozado muito ultimamente usando apenas a minha mão e as fantasias na minha cabeça, mas estou cansado do faz de conta. A necessidade de estar dentro dessa garota tornou-se tão necessária quanto à respiração em meus pulmões.

— Mova-se para baixo na cama.

Morro de vontade de colocar minha marca nela, mas isso é uma tarefa impossível quando não pode tocar em alguém. Terei que improvisar.

— Estou nua. Você está nu. Hmm... O que faremos?

— Quero marcá-la da única maneira que posso sem te tocar. — Sua testa franze e apesar da pouca iluminação, posso ver suas bochechas se encherem de cor.

— Não entendo o que isso significa... — Sussurra.

Como pode ser tão sexy e inocente ao mesmo tempo?

— Sei que não entende e isso é uma das coisas que adoro em você: sua inocência. Amo que seja intocada por qualquer outro homem. — Claudia não tem ideia do prazer que é saber que sou o primeiro em tudo com ela. Primeiro amor. Primeiro toque. Talvez primeiro orgasmo. Serei seu alfa e ômega, mesmo que não tenha percebido

essa parte ainda. — Você já se tocou?

Ela morde o lábio e suas bochechas ficam ainda mais vermelhas.

— Às vezes me toco quando penso em você e como seria se fizéssemos amor. Sempre imagino que é a sua mão entre as minhas pernas e não a minha.

— Você já gozou?

— Acho que não.

Claro que não sabe.

— Você saberia se tivesse.

Aumento o aperto em torno do meu pau, bombeando-o com mais força.

— Abra suas pernas. Quero vê-la.

Claudia planta os calcanhares contra a cama e os joelhos se afastam. Um pequeno fluxo de suco escorre de sua boceta rosa brilhante.

Poderia fazer bom uso disso. Que pena que isso se perderá. A menos que...

— Mostre-me como se toca quando nos imagina fazendo amor.

— Não sei como fazer isso direito. Isso nunca

funciona para mim.

Pego a mão dela na minha e aperto as pontas dos dedos dela no topo da sua fenda.

— Comece aqui. Assim.

Colocando pressão em seus dedos, guio sua mão em um movimento circular, espalhando seu néctar.

— Gostaria de poder prová-la.

— Eu também. — Ela fecha os olhos, arqueia as costas e esfrega mais forte. Mais rápido. — Aposto que seria incrível ter sua língua fazendo isso.

— Adoraria nada mais do que ceder e dizer para o inferno com todos, menos a gente. Garanto que a espera é uma tortura para mim também.

— Por favor, Duke. — Sua voz é cheia de desespero. Tormento. Miséria. E isso quebra meu coração. Minha garota precisa vir.

— Feche seus olhos, baby. Respire devagar. Profundamente. Imagine que as pontas dos seus dedos são na verdade a ponta da minha língua macia e molhada. — Guio sua mão em um movimento diferente, para cima e para baixo através de sua fenda. — Mergulhe seus dedos dentro e esfregue bem aqui.

— Duke, estou ficando tão molhada.

Porra. Porra. Porra. Ela poderia dizer qualquer coisa, qualquer coisa, e eu poderia lidar com isso. Mas essas palavras... *Estou ficando tão molhada*, são como uma oferta que não pode recusar. Um convite irrecusável. Uma tentação irresistível.

— Não aguento mais. Tenho que saboreá-la. — Pego seu pulso e levo a mão para a minha boca. Seus olhos arregalam enquanto me observa sugar seus sucos em seus dedos. — Você. É. Deliciosa. — Olho para sua fenda rosa enquanto lambo seus dedos e luto contra a vontade de enterrar minha boca entre suas pernas. Minha língua fodendo seu buraco e depois a substituindo com o meu pau. Enchendo-a com meu esperma até que escorra e forme uma poça na cama.

Mas não faço. E não me lembro de uma coisa na minha vida sendo tão difícil de resistir.

Tiro os dedos da minha boca e o trago para o clitóris.

— Masturbe-se. Precisa gozar e quero assistir.

Nunca saberá o quanto eu gostaria de ser o único a possuir completamente seu orgasmo. Apenas mais cinco semanas, Windsor. Você se segurou até agora, aguentará um pouco mais.

— Diga-me quando gozar, baby, quero cruzar a linha de chegada juntos. Fazer com que isso pareça o mais real possível.

Ela balança a cabeça.

— Sim.

Seus olhos estão trancados nos meus e por um momento esqueço que é minha mão apertando meu pau em vez de seu corpo apertado.

— Estarei dentro de você em breve.

Pego seu joelho com a mão livre e envolvo uma perna em volta da minha cintura. Isso me faz sentir um pouco menos como masturbação. Sua outra perna vem ao redor da minha cintura e enlaça seus pés nas minhas costas, puxando-me para mais perto.

Um impulso e estaria dentro dela. Isso é tudo que seria necessário e a possuiria. Fazendo-a minha.

— Oh, Deus, Duke. Algo está acontecendo. Acho que estou gozando. — Ouvir sua garota lhe dizer que está prestes a atingir o orgasmo me deixa excitado.

— Deixe acontecer naturalmente. Lentamente.

Claudia convulsiona uma vez. Duas vezes. Três vezes.

— Oh, droga, porra, porra. Marca-me, Duke. Vem em mim.

— Droga, Claudia. — Quando venho com uma garota, estou sempre usando camisinha. Nunca há uma

opção ou discussão sobre onde farei isso. Cláudia me pedindo para vir com ela é excitante para caralho.

— Por favor, Duke. Eu quero você. — Como diabos poderia dizer não a isso?

— Sim, farei isso.

Eu me masturbo mais rápido, sentindo-me muito feliz que Claudia queira essa parte de mim nela.

— Estou prestes a fazer isso, baby.

Seus olhos estão colados ao meu pau com fascinação absoluta quando o primeiro fluxo branco pegajoso jorra em seu estômago. Um esguicho e depois outro. Ela observa maravilhada quando mais pulsações espremem um terceiro e depois o quarto fluxo de meu pau. Posso não ter gozado dentro dela, mas é o melhor orgasmo que tive em muito tempo.

Sinto prazer em ver meu gozo na sua barriga. Ela está marcada agora. O único lugar melhor do que esse seria dentro dela.

— Diga-me a quem pertence.

— Você, Duke. Sou para sempre sua. — A fascinação em seus olhos. O fascínio em sua expressão. A satisfação em seu sorriso. Meu coração está prestes a explodir. — Amei cada segundo disso.

— Este é seu primeiro encontro sexual e foi um grande privilégio fazer parte disso, nem posso começar a imaginar o quão bom será. Não tenho certeza o quanto posso me segurar.

Claudia mergulha o dedo no fluido em seu estômago.

— Tenho projetos de bebês em mim.

— E?

Ela ri.

— É estranho que eu goste? Quero dizer, ter essa parte de você em mim?

Porra, essa garota me matará. Virgens não devem dizer coisas assim.

— Não sei. É estranho que goste de estar em você também?

— Então somos ambos esquisitos. — Ela se senta e uso minha mão para pegar meu gozo descendo pela parte inferior de seu estômago em direção à sua boceta.

— Cuidado, baby. O risco de gravidez é pequeno, mas meus filhos estão nadando nessas coisas. Eles adorariam encontrar uma maneira de se fecundar em você.

— Ouvi que essas coisas estão sempre procurando uma maneira de entrar.

— Certo. E se forem para meus meninos entrarem, planejo pelo menos desfrutar de colocá-los lá.

— Acho que precisamos conversar sobre o que planejamos fazer quando colocar seus garotos lá. Não estou em nenhum tipo de controle de natalidade.

O tempo está se aproximando. É hora de decidir sobre isso.

— O que planeja fazer?

— Eu pesquisei e acho que a pílula é uma boa escolha.

Por que não estou surpreso por ela pesquisar esse tópico?

— Então sabe que é uma boa escolha desde que se lembre de tomar todos os dias no mesmo horário.

— Eu sou responsável o suficiente para estar no controle.

Claudia é madura. Sempre foi. Confio nela com isso.

— Concordo que a pílula seja uma boa ideia.

— Marcarei uma consulta no começo da semana que vem. — Fui honesto com Claudia sobre a minha falta de consideração em relação às parceiras sexuais passadas, mas ela precisa entender que nunca me arrisquei, não colocará sua saúde em risco ao estar comigo. — Estou

limpo, usava camisinha toda vez, mas tive um incidente cerca de dois anos atrás. Testei-me depois e o resultado foi negativo. Sem doença. Nenhum bebê. Sem problemas.

— Whoa... Tudo bem.

— Eu sei que o meu passado não é sobre o que você quer falar agora, mas precisava contar-lhe. É importante que se sinta segura comigo.

— Sempre me sinto segura com você e sei que nunca me colocaria em perigo... Nem mesmo por um pouco de diversão.

Chego por trás dela e acaricio sua bochecha.

— Pretendo obter mais do que apenas um pouco de diversão.

Claudia coloca os braços em volta dos meus ombros e me puxa para baixo, então deito entre as pernas dela.

— Quer usar camisinha comigo?

Nunca considerei renunciar a proteção com ninguém, nem uma vez, mas com Claudia é diferente.

— Deixaria eu entrar em você sem uma?

— Honestamente, é difícil imaginar nós fazermos amor com o látex entre nós.

— Outro primeiro. Desta vez é a primeira vez para nós dois.

— Claro, eu quero.

Trago a mão dela para a minha boca para um beijo e sinto minha fragrância almiscarada, minha marca, misturada com a dela em seus dedos. E porra, se isso não faz meu pau ficar duro de novo.

— Mmm... o cheiro de nós dois misturados. Não há mais nada no mundo como isso.

Fecho minha mão ao redor da dela e a trago para o nariz, inalando profundamente. O cheiro de uma mulher. Não é qualquer mulher: minha mulher.

— Amo esse cheiro.

E o mesmo acontece com o meu pau, que está cutucando a parte interna da sua coxa.

— Posso te ajudar com isso.

Intercepto a mão dela quando tenta chegar ao meu pau e entrelaço os dedos. Não digo nada dessa vez. Simplesmente balanço minha cabeça.

Ela dá um sorriso, o mesmo que dá desde os quatro anos de idade, sempre que quer algo. Sempre fui indulgente quando se trata de Claud. Sempre a deixando fazer o que queria. Não dessa vez.

— Você me deixará ficar por um tempo? Prometo que não tentarei nada, só quero ficar assim.

— Onde Staci e Shane pensam que está?

— Com minhas amigas.

— Não acho que seja uma boa ideia. Seria muito ruim se Owen descobrisse que está aqui.

— Ele está apagado, e River também.

— Eles beberam bastante e não acho que acordarão antes do meio-dia, a menos que seja para mijar ou vomitar.

— Vamos lá, Duke. Deixe-me ficar.

— Deixe-me pensar sobre isso. — Eu rolo de costas e me deito ao lado dela. Ela pega minha mão na dela e juntas formam um fecho que repousa no peito dela.

— O que acontecerá conosco se eu for para a UT no outono?

— Vamos escrever muitas mensagens. Provavelmente ter muito sexo online durante a semana e agiremos como coelhos no fim de semana. — Ela se levanta e se inclina sobre mim para que fiquemos cara a cara.

— Prometa-me, Duke. Prometa-me que estaremos juntos, não importa o quê. Não importa como vão as

coisas com meus pais ou com Owen e River. Não importa o que aconteça com a faculdade.

— Eu juro. É minha, Claudia Laine Bliss, e nunca desistirei de você.

— Bom. Conto com isso. — Ela se vira de lado e volta para mim antes de puxar o lençol sobre nós dois. Meu pau cutucando-a na bunda. — Ficarei. Se quiser que eu vá embora, terá que me chutar para fora da cama. — Não há como dizer a Claud para sair.

— Ok, mas terá que ir daqui a pouco. Bem antes de Owen ou River se levantarem. Não podemos nos dar ao luxo de sermos pegos.

— Eu sei. — Configurei o alarme do meu telefone para quatro e desliguei a lâmpada. Coloco meu braço sobre sua cintura antes de pressionar um beijo contra a parte de trás de sua cabeça.

— Amo você, pequena pombinha.

— Amo você... Grande Bram. — Ela ri.

— Você está certa, baby. — Estou bem satisfeito e orgulhoso disso. E Claud descobrirá o quão grande é Bram quando tomar sua virgindade em cinco semanas.

Capítulo Nove

Claudia Bliss

Bram é meu em todas as formas que importam - com uma exceção. Mas a linda conexão física que quero compartilhar com ele é a próxima na minha agenda. Depois disso, devo conversar com Owen, ou aceita ou pode haver alguns problemas sérios no meu futuro com o homem que amo. Não estou preocupada com mamãe ou papai, mas não espero que as coisas sejam assim tão fáceis com meu irmão.

Não importa o que aconteça com Owen, não desistirei de Bram. Não vou. Nunca.

Estou acordada quando o telefone nos avisa que são quatro horas. *Hora de ir.*

— Porra, não quero que vá.

Deitada aqui nos braços de Bram, nua, com o pau dele pressionado contra o meu corpo pelas últimas duas horas, foi mais incrível do que imaginava. Não quero ir. Quero que fiquemos assim para sempre.

— Eu sei... *Grande Bram*. — Rio quando o chamo assim, mas é um pensamento preocupante quando considero a logística física de tudo isso.

Não sou uma idiota. Sei que a anatomia feminina se estende para acomodar, mas terei que fazer alongamentos para encaixar. Mas não me importo. Ainda quero fazer isso.

Não consegui tirar isso da cabeça desde que nos instalamos nessa posição. Como poderia, com ele cutucando minha bunda?

— Ainda temos um pouco de tempo. — Rolo e fico de quatro antes de me inclinar para beijá-lo.

— Hmmm... Alguém com hálito de menta.

— Talvez tenha usado a sua escova de dente quando fui ao banheiro. — Não há espaço para o mau hálito. Tenho um grande plano e pretendo realizá-lo antes de sair desta cama. Jogo minha perna sobre os quadris de Bram, então estou em cima dele. Ofego quando minha boceta nua roça seu pau. É a primeira vez que os dois se tocam.

E isso me deixa excitada.

Um arrepio quente se espalha por todas as partes da minha virilha e pélvis e instintivamente giro meus quadris para que minha fenda já excitada esfregue contra

ele. Estive deitada aqui por uma hora planejando, reunindo toda a minha coragem e sonhando com tudo que quero fazer com Bram. Já fantasiei posições sexuais diferentes na minha cabeça na última hora, então estou tão excitada e desesperada por seu toque.

— Whoa, Claud. Nós não podemos fazer isso. — Diz as palavras, mas seus dedos estão cravados em meus quadris. Movendo com eles. Não me parando. Isso não é um não. *Agora é a hora de atacar.*

Pressiono minha boca no ouvido dele para que possa sentir meu hálito quente.

— Quer me foder. Eu sei disso. Você sabe disso também. — Sussurro antes de chupar o lóbulo da sua orelha em minha boca. *Farei isso acontecer mesmo que precise seduzi-lo.*

— Sim. Eu quero você mais do que... quero respirar, mas...

Coloco meu dedo sobre os lábios dele.

— Shh. Não há mas.

— Há um mas. Um enorme mas e está no meu sofá agora

— Está desmaiado, então nunca saberá. Eu sairei e ele nunca saberá. — Pela primeira vez não discute, então prossigo. Substituo a cabeça do seu pau pelos meus

dedos e uso para esfregar meu clitóris do jeito que me mostrou. Parece enorme na minha mão. — Pode sentir o quanto te quero? Quão escorregadia estou para você?

Bram ainda não está me parando, então continuo, empurrando a coroa de seu pênis na minha entrada. *E ele não me afasta.*

De repente estou de costas, com Bram sentado em cima de mim.

— Não acontecerá assim, Claud. Eu serei o único a te foder. Serei o único a tirar sua virgindade. Serei o único no controle. Não o contrário.

Tranco minhas pernas em torno de sua cintura e o mantenho prisioneiro.

— Minha virgindade pertence a você. Pegue.

— Eu vou, mas não antes de explorar sua doce boceta virgem. — Suas palavras quase soam como um rosnado. Não posso acreditar. Não está me dizendo não. Nós vamos realmente fazer isso.

Acontecerá.

Não há uma palavra para a excitação excessiva que sinto agora. É ridículo como estou feliz.

Eu o liberto da minha perna, ele rasteja pelo meu corpo. Ajoelha-se entre as minhas pernas e me puxa para

baixo na cama, então minha bunda está praticamente em seu peito. Estou de cabeça para baixo e tudo entre as minhas pernas está bem na cara dele.

Ele traça o nariz sobre meus lábios vaginais e inala profundamente.

— Não sabe quantas vezes me masturbei pensando sobre isso. Como devia cheirar. Como é seu gosto.

Ofego quando arrasta sua língua quente e molhada pela minha fenda.

— Oh, droga, Duke.

— Não pense que gozará tão cedo. Estamos apenas começando. — Bram enterra a cabeça entre as minhas pernas e esfrega o rosto contra mim. Oh, Deus. Sua barba áspera faz-me sentir tão bem que realmente acho que teria um orgasmo só de sua barba me esfregar assim. — Quero seus sucos em cima de mim, então toda vez que eu inspirar, poderei sentir seu cheiro.

Circula a língua por toda extremidade.

— Amo seu gosto e aquele pequeno strip-tease. Parecia tão gostosa quando puxou as malditas calcinhas de renda rosa para o lado e mostrou para mim.

Fico feliz que goste. Fiz isso só para ele. Sua língua alisa por toda minha boceta. Ele se move de um lado para outro, tão perto de onde quero, ainda que tão longe.

Levanto meus quadris para que lamba meu clitóris, mas sua boca se move comigo.

Doce. Tormento.

Sou nova nisso, mas reconheço quando sou provocada. Ele quer que eu implore. E irei.

— Por favor... Duke.

— Por favor, o quê?

Sabe o que quero dele. Levanto meus quadris novamente.

— Mova sua boca para baixo.

Bram empurra minhas pernas para mais longe e descarrega beijos em meus lábios inferiores. Cada terminação nervosa na minha pelve está disparando pulsações orgásticas.

— Prefere isso? — Sua língua achata contra o meu centro e sobe, roçando meu clitóris. — Ou isto?

— Oh, isso! Definitivamente isso. — Queria que a luz estivesse acesa para que pudesse vê-lo, para que pudesse assistir sua boca se banquetear entre as minhas pernas.

— Você tem um gosto tão bom, sabia que teria. — Meus quadris balançam contra o movimento de sua língua, então cada passada é mais longa e mais dura.

— É isso aí, baby. Foda meu rosto.

Passo meus dedos pelo topo de seu cabelo e mexo contra sua boca, para cima e para baixo, repetidamente.

— Oh, misericórdia.

— Você não terá piedade de mim.

Agarra meus quadris, segurando-me para que não possa me mover, e suga meu clitóris.

Um dedo e depois dois mergulham dentro de mim. Ele os move para dentro e para fora, devagar no começo e depois mais rápido. Dói um pouco, mas entendo o que está fazendo: Esticando-me para suportar o pau dele.

A sucção de sua boca no topo da minha fenda se torna mais dura, mais rápida, mais *difícil* e desta vez estou familiarizada para os formigamentos quentes vindo da minha boceta. Meu clitóris tenciona e relaxa quando a emoção das ondas e sensações começa profundamente dentro da minha pélvis. Uma parte de mim quer suprimi-los para que possa fazer isso durar mais tempo, mas a outra parte quer gozar muito forte.

Meu rosto pulsa quando as contrações rítmicas crescem entre as minhas pernas. Pego o travesseiro e o coloco em cima da minha cabeça, cubro meu rosto e mordo na tentativa de engolir meus gritos enquanto me devora.

— Porra.

Meu rosto está coberto com o travesseiro, mas não deixo de escutar o som da porta do quarto se abrindo. Ou a voz do meu irmão.

— O que diabos está acontecendo aqui?

Oh, droga. *Porra*. Estamos mortos.

Bram se levanta e minha bunda instantaneamente atinge a cama, o lençol é puxado para cima da minha cabeça. E isso tudo aconteceu em um piscar de olhos.

— Cai fora, Owen.

— Não me lembro de ter garotas aqui esta noite, então de quem é a boceta que está comendo, Windsor?

— Não se preocupe com isso. Saia daqui.

— É a garota que está vendo? Aquela que esconde?
— *Owen sabe que Bram está vendo alguém?*

— Eu disse para não se preocupar com isso. Saia do meu quarto, idiota. — Owen ri e reconheço o som como sua risada bêbada.

— Quero conhecê-la.

O colchão se move quando Bram sai da cama.

— FORA! Agora, filho da puta!

— Ok, mas diga a sua garota para parar de gritar. Tem pessoas tentando dormir aqui.

— Certo, Owen. Ficaremos quietos, para que você possa voltar a dormir.

Ouçõ a porta fechar, a fechadura sendo trancada, e então sinto Bram na cama ao meu lado.

— Ele se foi.

Puxo o lençol da minha cabeça e vejo Bram deitado de costas com o braço sobre o rosto, cobrindo os olhos.

— Porra, isso foi perto. Muito perto. — Sua voz está trêmula.

— Está tudo bem. Ele não percebeu que era eu. — Tira o braço do rosto e olha para mim. — A menos que olhe para fora e veja o seu carro.

Meu coração acelera.

— Droga. Não pensei sobre isso.

— Nunca pensei que invadiria meu quarto. Deveria ter trancado a porta.

— Ele está bêbado. Provavelmente não se lembrará de nada disso amanhã, ou pelo menos, talvez não dos detalhes. — Bram agarra meu antebraço, puxa-me para baixo e envolve seus braços firmemente ao meu redor. — Se ele se lembrar de algo, estamos ferrados.

Não estou preocupada e ele não deveria estar também.

— Está tudo bem. Ele não tem ideia de que estou aqui.

— É verdade, mas Owen acha que estou aqui transando com outra pessoa. Vamos, Claud. Pense nisso por um minuto. Realmente acha que ele concordará conosco anunciando que estamos apaixonados depois de achar que transei com outra apenas cinco semanas antes? — Bram acabou de dizer que estamos apaixonados. Não namorando. Não vendo um ao outro. Não tendo uma aventura.

ESTAMOS. APAIXONADOS.

Esqueço-me de todas as complicações do nosso relacionamento e só me concentro nessas três palavras.

— Você disse que estamos apaixonados.

— Sim. Eu fiz. — Ele nos rola, então estamos deitados de lado, de frente um para o outro, o braço dele em volta do meu corpo nu. — Estou tão apaixonado por você, Claudia. — Isso é tudo que sempre quis. Ele. Seu coração. Seu amor.

— Também estou apaixonada por você.

— Sempre a protegi e sempre irei. — Ele fez como se fosse o seu trabalho na vida. Ainda mais que meu próprio

irmão.

— Eu sei que sim.

— E isso é exatamente o que faço quando digo que tem que ir agora. Graças a Deus que Owen não descobriu que é você quem está nesses lençóis. — A lógica me diz que ele está certo, mas o pensamento de deixá-lo depois de termos experimentado essa maravilhosa revelação juntos parece errado.

— Acabamos de admitir estar apaixonados um pelo outro. A última coisa que quero fazer é deixá-lo. — Bram se afasta e acende a luz. Ele se senta ao lado da cama e inclina-se para frente com os antebraços apoiados nas coxas.

— Nós estaríamos ferrados se ele visse o vestido de baile no chão.

— Mas não viu. — Movo-me para sentar atrás dele, envolvo minhas pernas em sua cintura e pressiono meu rosto contra suas costas. Seu corpo está tremendo e é um verdadeiro testemunho de como está abalado com a nossa exposição.

Ele levanta minha mão para sua boca e beija o topo.

— Às vezes acho que estou perdendo a cabeça porque meus pensamentos são tão irracionais quando se trata de você.

Meu coração está batendo no meu peito. Pulsando no meu rosto. Batendo nos meus ouvidos.

— Irracional pode significar muitas coisas diferentes.

— Quero dizê-la para não ir a Chattanooga neste outono. Quero te dizer que este apartamento é grande o suficiente para nós dois. Dizer para casar comigo e me deixar colocar bebês dentro de você.

Minha respiração engata e ele beija minha mão novamente.

— Duke...

— Confie em mim quando digo que sei o absurdo que deve soar neste ponto da sua vida. Você é jovem e tem tanta coisa que não experimentou. Merece ir para a faculdade e se divertir muito. Obter um diploma. E ter uma carreira.

— Não acho que possa deixá-lo em quatro meses. E seria estúpido fazer isso quando Chattanooga não tem nada para mim. Você. Minha carreira na fotografia. É tudo o que quero e está tudo bem aqui.

— Eu recebo um bom dinheiro e meus pais me deram o que sobrou em minhas economias da faculdade. É um bom ninho de ovos. Sou mais do que capaz de cuidar de você enquanto constrói seu negócio e sua clientela. E se

decidir que não quer fazer nada além de ficar em casa e criar nossos bebês, então também estou bem com isso.

Nossos bebês. Acho que meus ovários explodiram.

Eu me movo para encarar Bram, montando nele, meus braços em volta dos ombros dele.

— Você quer se casar?

— Sim. Quero que você seja minha esposa. — Acaricia meu rosto e beija minha boca. — Você faria isso? Casar-se comigo? Ter meus bebês?

Levanto-me de joelhos e posiciono seu pau na minha entrada.

— Sim. Deixarei você colocar um bebê dentro de mim agora, se é isso o que quer.

Bram sorri e balança a cabeça.

— Não essa noite. Quero que a nossa primeira vez aconteça quando estivermos sozinhos.

Ele tem razão. Seria uma droga nossa primeira vez ser interrompida e arruinada porque meu irmão descobriu que era eu na cama de Bram.

Não tenho nenhuma intenção de fazer amor apressadamente pela primeira vez e depois sair correndo pela porta. Quero aproveitar nosso tempo e aproveitar cada momento disso.

— OK. 20 de maio.

Bram enfia meu cabelo atrás das orelhas, como costumava fazer quando eu era pequena.

— Mal posso esperar, pombinha.



Sweet
TORMENT

Capítulo Dez

Bram Windsor

Hoje é o aniversário da minha pequena pombinha. Finalmente, dezoito anos. Obrigado, Deus. Apesar de suas múltiplas tentativas de me convencer a dormir com ela, Claud ainda é virgem. Mas não por muito tempo.

Sua virgindade é minha para tirar esta noite.

Não parei de pensar nesta noite. Meu pau ficou duro como aço a maior parte da semana, na expectativa de finalmente entrar na minha doce menina virgem. E ela valerá cada minuto da espera e das bolas azuis. *Sei que será bom para caralho. Tão apertada. E estreita.*

Vi Claudia todos os dias esta semana, mas não do jeito que eu queria. Não *nua*. Não *na minha cama embaixo de mim*. Não *comigo entre as pernas dela*.

Owen e River tornaram impossível ficar sozinho com ela. Aqueles filhos da puta não vão embora. Formaram-se na semana passada e voltaram para Lynchburg. Estão no meu apartamento todas as noites, bebendo cerveja e

atirando suas besteiras. Roubando meu precioso tempo sozinho com Claudia.

Nossa falta de privacidade provavelmente foi a melhor coisa. Enfraqueci nas últimas semanas. Deixei as coisas irem mais e mais a cada vez que estávamos juntos. Acabaria por me convencer a transar com ela. Sei disso. Estou feliz que esperamos, não tinha ideia de que a antecipação seria uma forma tão intensa de preliminares. Tornará esta noite ainda mais especial e excitante, não há dúvidas em minha mente. Claudia Laine Bliss já é minha, mas esta noite a solidificará. Nós estaremos ligados para sempre.

Mas temos prioridades. Celebraremos o aniversário da minha garota com seus amigos e familiares na festa dela primeiro. É principalmente uma reunião de família, desde que a noite passada que foi a formatura. Todas as amigas dela partiram em viagem para a Flórida esta manhã. Disse-lhe para ir, não quero que um dia se arrependa de perder esse tempo divertido em sua vida. Não é algo que receberá de volta.

— *Eu não me importo com bronzamento ou cuidar das minhas amigas depois que estão bêbadas. Prefiro estar aqui com você, Duke. Fazendo isso.* — E então subiu em mim e nós ficamos no sofá por horas.

— E aí, cara. Quer sair depois que Claud abrir seus presentes e ir até Becca Sullivan comigo? — Owen está

com Becca?

— Não, tenho planos. — Grandes planos. Os maiores da minha vida.

— Sua amiga gostosa Devin chegou e acha que você estará lá. A garota está interessada em conhecê-lo. Muito interessada

— Por que ela acha que estarei lá?

— Porque eu disse que o levaria.

— Leve River. Ele não terá nenhum problema em ficar com ela.

— Ela quer te conhecer.

— Não posso, tenho planos com alguém.

— A mulher misteriosa de novo?

— Talvez. — Não tenho certeza do quanto Owen se lembra sobre a noite em que pegou Claudia e eu na cama. Ele tentou trazer essa conversa algumas vezes, mas sempre me esquivo.

— Quando a apresentará para nós? — Apresentá-la para nós. É difícil não rir.

— Logo, cara. Eu prometo.

— Parece que desta vez é algo sério com essa

mulher.

— Muito sério. Nunca me senti assim antes.

— Pensa em se estabelecer? Do tipo casar e ter filhos? — Sua pergunta é seguida por uma risada.

— Eu quero. — Ele estuda meu rosto. Talvez esperando que eu comece a rir e diga que estou brincando. Mas não estou.

— Porra, Bram. Era brincadeira.

— Eu não estou. Nem um pouco. Essa... — Aceno e sorrio, porque não posso resistir. — Com essa eu casarei. — Staci termina qualquer outra conversa com Owen sobre minha mulher misteriosa quando anuncia:

— Hora da aniversariante abrir seus presentes.

Estou no canto ouvindo as besteiras que Owen e River falam enquanto assisto Claudia abrir seus presentes. Uma bolsa de grife. Roupas. Celular novo. Dinheiro. Cartões de presente. Ela parece emocionada com todos os presentes que recebeu.

— Obrigada a todos que vieram hoje à noite para comemorar meu aniversário. E obrigada pelos presentes maravilhosos, amei tudo.

— Mais um para abrir. — Um olhar passa entre Claudia e sua mãe quando entrega meu presente. Um

sorriso aparece quando Claudia vê o logotipo de ouro do joalheiro Mac na caixa de presente e faz um péssimo trabalho de esconder quão satisfeita está quando lê meu nome no cartão. Ainda bem que todo esse segredo termina amanhã. Acho que acabamos por enganar a todos. — Seus olhos arregalam e seus lábios se abrem em um sorriso quando vê o pingente de coração de diamante.

— Eu amei, Duke. Obrigada.

Balbucio:

— Você é especial.

— Isso é verdadeiro? — Owen diz.

— Sim.

— Cara é melhor ter cuidado ao comprar diamantes para outra mulher. A mulher misteriosa não gostará dessa porra.

Staci bate as mãos juntas.

— Temos hambúrgueres grelhados, cachorros-quentes, batatas fritas e bebidas lá fora. Há comida sobrando, então peguem qualquer coisa que quiserem.

Todos se dispersam pelas portas francesas em direção à comida no pátio, mas Claudia fica. Espera até que a multidão se vá para vir até mim e envolver seus braços em volta dos meus ombros. Ela beija o lado do

meu rosto. Nada romântico. Para qualquer outra pessoa, pareceria um beijo que uma irmã daria a seu irmão.

— É lindo.

— Não é tão lindo quanto a garota que usará.

— Coloca em mim?

— Sim, com certeza. — Levanta o cabelo e, como sempre, a fragrância de cereja me seduz, sua pele me provoca, sua proximidade me atrai. Quero minha boca em cada parte dela. — Esperamos muito tempo por esta noite, mas juro por Deus que hoje parece uma eternidade. Posso morrer antes de te colocar debaixo de mim esta noite.

— Venha comigo. — Claudia pega minha mão, leva-me pelo corredor até o quarto dela, e fecha a porta.

— Alguém poderia nos encontrar aqui.

Ela tranca a fechadura.

— Estamos seguros. Ninguém entrará aqui, estão ocupados demais comendo. — Minha garota pega o botão do meu jeans, abre-o e abaixa meu zíper. — Quero te mostrar o quanto amei meu colar.

— Oh. — Porra. — Também quero isso, mas droga. A maioria das pessoas que conhecemos está a apenas quinze metros de distância, Claud. Todo mundo está

aqui... — Não termino a frase porque ela coloca o dedo sobre meus lábios.

— Shh. Apenas incline-se para trás e aproveite o que farei. — Abre minha calça jeans e coloca a mão na minha cueca boxer. — Veja? Você quer isso. Já está duro.

— Claro, como não estaria. Esteve assim a semana toda, não parei de pensar nesta noite. — Ela puxa meu pau e fica de joelhos. *Porra. Está de joelhos na minha frente. Lambendo os lábios e olhando para mim. Tão sexy.*

Sua língua quente e úmida começa na base e lambe meu comprimento. Quando chega à cabeça, passa a língua pela ponta e engole a umidade. Porra. Acabou de engolir meu pré-goço.

Claudia envolve as mãos em volta das minhas bolas e massageia quando me leva à boca.

Por. Toda. A. Boca. Toda. A. Garganta. Profunda.

Porra. Como minha pombinha aprendeu a fazer isso?

Coloco minha palma na parte de trás de sua cabeça, com cuidado para não bagunçar o cabelo dela, e a encorajo a me levar mais profundo, mais forte, mais rápido.

— Sua boca parece o paraíso.

Esfrega minhas bolas com mais força e a sucção de sua boca aumenta, acelerando meu orgasmo.

— Assisti-la me foder com sua boca é a coisa mais linda, baby. Não durarei muito.

Agarra meus quadris e chupa mais forte enquanto sua boca move para frente e para trás sobre o meu pau.

— Precisa parar se não quiser que goze em sua boca.

Claudia não para. Porra, acelera e cava os dedos em meus quadris. *Tenho a resposta.*

Meu esperma dispara na parte de trás de sua garganta e a sinto rapidamente engolir em torno da minha ponta. Droga, droga, droga. Nenhuma garota fez isso por mim antes.

Esfrego meus polegares pelas bochechas dela.

— Isso foi incrível. — E tão necessário. Talvez agora não goze tão rápido quando estiver dentro dela.

Ela olha para mim ainda de joelhos.

— Queria fazer isso há muito tempo, mas sabia que você não me deixaria. É por isso que não tentei.

— Nunca mais terá que se preocupar comigo impedindo-a de fazer isso. — Ajudo-a e esfrego o polegar sobre seus lábios antes de dar um beijo ali. — Não imaginava que tinha uma boca tão talentosa.

— Eu fiz bem?

— Você foi ótima. Caramba, ótimo nem descreve o que senti. — Seu sorriso me diz o quanto adorou ouvir meu elogio.

— Estou feliz que gostou.

Bato na bunda dela.

— Vai. Precisa voltar para seus convidados antes que sintam sua falta, aniversariante.

— Ficaré para comer?

— Não. Tenho algumas coisas para cuidar antes de você me encontrar. Quero que tudo seja perfeito.

— Ok.

Coloco um último beijo contra seus lábios.

— Não demore muito tempo.



Atendo Claudia na porta quando chega ao meu apartamento. Meus olhos encontram os dela e nós dois estamos esboçando o mesmo sorriso, aquele que diz: *agora, sim. Estamos finalmente prestes a foder a primeira de noventa e nove maneiras diferentes.*

Seu vestido branco é inocente e sexy. Muito apropriado para uma virgem que desistiu de sua virgindade. Um olhar para seu corpo exposto ao sol e meu pau ganha vida com uma intensa necessidade de estar dentro dela.

— Você está bonita.

— Você já disse isso.

— Eu sei, mas precisava dizer isso de novo. Uma vez não foi suficiente.

— Obrigada. — Coloca a palma da mão contra o meu rosto e pressiona um beijo na minha boca. — Alguém ficou sem fazer a barba por alguns dias. Alguma razão especial para isso?

— Disse que amava o roçar da minha barba quando estou em você, achei que seria ainda melhor. — Esfrego minha mão sobre o meu queixo para testar como está. — Posso fazer a barba se quiser.

Aperta minhas bochechas para que meus lábios se enruguem e os beija.

— Não se atreva, amor.

Eu a puxo em meus braços para colocar um beijo no topo de sua cabeça e percebo a bolsa pendurada em seu ombro. Isso não é uma bolsa.

— O que tem aí?

Claudia arqueia as sobrancelhas e as covinhas que sempre amei surgem.

— É meu aniversário, mas você é quem recebe uma surpresa.

— Bem, talvez você receba uma surpresa também.
— Não posso esperar para ver seu rosto quando abrir seu verdadeiro presente.

— Passarei a noite aqui.

Porra, sim.

— Como convenceu Staci e Shane a passar a noite fora?

Um sorriso perverso aparece. Esse sorriso perverso faz meu pau se contorcer toda vez que vejo isso.

— Mentiras e esquemas.

Aposto que contou aos pais que ficaria na casa de uma amiga, o que tem uma grande probabilidade de dar errado. As chances são boas, vamos estar expostos. Mas não me importo. Não importa depois desta noite.

— Eu quero saber?

Ela sorri enquanto balança a cabeça.

— Provavelmente é melhor não.

— Essa é a minha surpresa? Que ficará comigo esta noite?

— É uma das surpresas.

Adoro o som disso.

— O que mais, huh?

— Há muitas coisas interessantes por vir. Então espero que desfrute de cada uma delas que virão.

— Tenho certeza de que duas coisas virão.

Claud lambe os lábios e os esfrega antes de deixar a bolsa no chão e se jogar em meus braços.

Não posso esperar para fazer isso. Chupo seu lábio inferior e o libero com um estalo audível antes de mover minha boca sobre a dela. Nossas línguas caem em uma onda rítmica, um redemoinho sedutor, macio e úmido. Não sei como tive força para me controlar nestes últimos meses. Neste momento, sou impotente para parar de devorá-la. O ritmo do nosso beijo não é mais lento, doce e suave. É sensual, sedutor e sexual.

Arrasto minha boca ao longo de seu queixo em direção à sua orelha, deixando beijos em seu rastro. Ela se contorce quando beijo o ponto sensível abaixo do lóbulo da sua orelha.

— Deus, Claud, quero te foder, não aguento mais. —
Uma onda de culpa me força a controlar-me quando ouço as palavras que acabei de dizer-lhe. Claud nunca fez isso. Não posso perder o controle ou posso machucá-la.

Claudia se afasta e agarra meu rosto como se sentisse o arrependimento e me força a olhar para ela.

— Quero isso, Duke. Mais do que quero respirar. —
Sorri enquanto repete as palavras que a disse em mais de uma ocasião.

— Eu te amo muito, Claudia Laine Bliss.

— Eu também te amo, Noel Abraham Windsor.

Inclino-me para pegar sua bolsa e depois a mão dela.

— Não há como voltar depois disso. Está feito. Você é minha para sempre.

— Promete?

— Prometo.

E tenho o anel para provar isso. É isso. Isso está certo. E isso está acontecendo.

Capítulo Onze

Claudia Bliss

As mãos de Bram movem-se sob o meu vestido e elas se arrastam pelas aberturas da minha calcinha, e seguram meu traseiro nu.

— Você pode, por favor, usar um vestido todos os dias a partir de agora? Realmente gosto desse material de fácil acesso.

Deus, isso é bom. Mas tirando-me do meu vestido e calcinha na sala de estar não é como quero que a nossa primeira vez aconteça. Tenho planos. Especiais. Meu coração está prestes a sair do meu peito. Posso sentir cada batida do meu coração em todas as partes do meu corpo. Tudo entre os meus mamilos e joelhos tornou-se ultrassensível.

Por que estou tão nervosa? Este é Bram. Meu Duke. Tudo sobre esta noite está certo. E esta será a melhor noite da minha vida. Uma noite da qual sempre lembrarei e relembrarei alegremente.

— Preciso de um minuto no banheiro para me arrumar. Tenho algumas coisas que quero pôr para você.

Ele balança a cabeça enquanto tenta esconder o sorriso que ameaça se espalhar. E é mal sucedido.

— Sim, pombinha. Esperarei por você no quarto quando terminar.

Pressiono um beijo rápido em seus lábios.

— Não demorarei muito. — Fecho a porta do banheiro e respiro profundamente enquanto me olho no espelho. Libero o ar dos meus pulmões lentamente e repito o processo mais algumas vezes, como se isso me ajudasse a reunir a coragem.

Acalme-se, Claudia. É sexo. Você tenta fazer com que ele faça isso por semanas. E pelo amor de Deus, ele já caiu em você. Isso não será novo.

Bram e eu não tivemos tempo sozinhos em uma semana. Nós roubamos alguns beijos e abraços, aqui e ali, quando Owen e River não olhavam, mas não tive as mãos dele em mim em sete dias. Foi brutal tê-lo perto e ainda tão longe.

Vamos, garota. É hora de fazer isso.

Tiro meu vestido e coloco minha camisola de cetim preto e calcinha combinando que comprei especialmente para esta noite. O tecido elegante parece requintado

contra a minha pele. Apenas o leve toque dele em meus mamilos sensíveis os tornam instantaneamente endurecidos.



Sweet
TORMENT

Meu cabelo está um pouco liso demais para mim, então viro a cabeça, passo meus dedos pela raiz, e afofo um pouco antes de levantar a cabeça novamente. Arrumo os poucos cabelos indisciplinados e penso em como seria quente se Bram pegasse meu cabelo e o puxasse enquanto me fode.

Talvez deva dizer-lhe que está tudo bem se quiser ser um pouco rude. Acho que gostaria disso. E aposto que ele também.

Minha pele formiga enquanto imagino sua boca me lambendo. Suas mãos me adorando. Seu pau me esticando.

Preciso dele. Agora.

Uma última olhada no espelho e estou pronta após ajustar para cima os meus seios na minha camisola. Bram é todo seu, ele a quer. Vá pegá-lo, menina.

Bram está de pé ao lado da cama vestindo apenas sua cueca boxer imensamente esticada. Ele abre a boca para dizer alguma coisa, mas não sai nada.

Passo minhas mãos na frente da camisola.

— Gosta disso?

— Porra, sim. Amo isso. — Ele se aproxima e me rodeia, inspecionando meu corpo de todos os ângulos. — Sou muito sortudo de ter uma garota tão sexy.

Bram coloca as mãos nos meus quadris e move lentamente ao redor para cavar seus dedos nas bochechas da minha bunda. Um sorriso malicioso se espalha por seu rosto quando ele as separa.

— Não esta noite, porque não está pronta, mas um dia, em breve, eu a foderei lá. — Minha respiração engata e meu coração dispara quando considero o que quer dizer com isso. — Quero dizer exatamente o que pensou. Quero meu pau na sua bunda.

Nunca ouvi Bram dizer algo tão sujo. Eu amo isso.

Suspiro quando considero minha resposta, mas nada sai da minha boca. Não sei o que dizer sobre isso.

Seus lábios pairam sobre os meus, sua respiração quente me provocando.

— Diga-me, pombinha. O que acha disso? Meu pau no seu rabo virgem e apertado? — *Rabo virgem apertado.* Deveria ofender-me com essas palavras. Insultada. Revoltada. Mas elas me deixam mais ligada.

— Quero que faça isso.

Seu sorriso largo assegura que gostou da minha resposta.

— Meu pau é ganancioso, quer ambos os seus buracos virgens. — Toca o dedo no meu lábio inferior. — E esta novamente também.

Seu pau na minha bunda não é algo que pensei. Mas colocá-lo na minha boca... Essa é uma história diferente. Não me importaria de fazer isso de novo hoje à noite.

Lambo meus lábios e puxo o cós da cueca dele. Inclino-me de joelhos para me abaixar, mas Bram me interrompe colocando seus dedos sob o meu queixo.

— Não agora, amor. Tenho outras coisas em mente.
— Bram segura minha bunda e me levanta, de modo que eu esteja em cima dele com minhas pernas ao redor de sua cintura. Ele me carrega para a cama e abaixa nossos corpos juntos, deitando em cima de mim.

Adoro sentir o peso dele me pressionando na cama. Gosto dessa proximidade e estamos prestes a nos aproximar ainda mais. Tornando-nos um corpo e alma, sem nada nos separando.

Ele põe a mão dentro do decote da camisola e circula meu peito com as pontas dos dedos antes de puxar levemente o meu mamilo duro.

— Nunca deixou um menino tocá-los, não é?

— Não. Sempre soube que queria que você fosse o único a tocá-los.

— Isso me deixa muito feliz.

Bram puxa o tecido da camisola e libertando ambos os seios. Abaixa o rosto e chupa meu mamilo em sua

boca e, em seguida, suavemente morde, enviando arrepios de prazer diretamente para a minha virilha.

— Sou a sua primeira vez para tudo? — Nossa conversa sobre o passado só cobriu o sexo, então me pergunto se ficará zangado ao saber que fiz uma pequena experiência.

— Quase. — Sua cabeça se levanta para olhar para mim.

— O que *quase* significa?

— Eu sabia que você transava com muitas garotas. Isso machuca. Pensei que beijar outra pessoa me ajudaria a superar o que quer que eu sentisse por você.

— Mas isso não ajudou. Nunca parei de querer que fosse Bram quem beijava. É o único que sempre quis.

— Esperava que esses lábios fossem intocados. Quero ser o seu primeiro e único para tudo.

— Você foi meu primeiro beijo real. E o meu último.

— Pode apostar sua bunda que sou. — Cobre meus seios e os empurram juntos. Aperta levemente meus mamilos novamente, enviando uma reação em cadeia de formigamento entre minhas pernas. — Amo tudo sobre isso. Seu tamanho. Sua forma. Sua cor. Perfeição total.

— Seus lábios reivindicam o lado do meu pescoço enquanto sua mão percorre o meu corpo e mergulha na

frente da minha calcinha, colocando entre as minhas pernas, esfregando para cima e para baixo. Acariciando-me. Não é o suficiente. Quero mais. Preciso disso. Agora.

Separo minhas pernas, dando-lhe acesso total ao meu corpo. É uma linguagem não falada, dizendo: toque-me como quiser. Minha respiração está entrando e saindo do meu peito rapidamente, enquanto antecipo seu próximo movimento. Minha boceta se contorce na esperança de que seja aquela coisa que ele faz com os dedos. Porra, isso foi tão bom e não fez isso novamente desde aquela noite. Preciso que faça isso de novo. Preciso que faça isso agora.

Bram empurra um dedo pelo meu centro escorregadio e recua uma vez com um movimento lento e tortuoso. Meu clitóris mal é roçado. Doce. Tormento. Estou desesperada por mais, então me movo impientemente contra os dedos dele. Cavalgando eles. Ele ri.

— Minha menina precisa de mais, hein?

— Muito mais. — Esfrega os dedos para cima e para baixo, cada golpe para cima acertando meu clitóris.

— Melhor?

— Mmm-hmm.

Muda sua técnica e me esfrega em um movimento

circular. Minhas costas se arqueiam para fora da cama e minhas pernas se afastam ainda mais. Um gemido suave sai da minha boca quando Bram para e se move para se ajoelhar entre as minhas pernas. Por que parou? Estava tão bom. Senti o começo de algo.

Agarra os lados da minha calcinha e arrasta-os pelas minhas pernas.

— Estou morrendo de vontade de ter minha boca em você. — Puta merda. Ele está descendo em mim.

Bram pressiona seus lábios na parte interna da minha coxa e trilha beijos pelas minhas pernas trêmulas. É impossível parar de me contorcer debaixo dele. Ele se move para cima e mordisca a pele da minha virilha, fazendo-me involuntariamente convulsionar, antes de agarrar minhas coxas e empurrá-las para trás e separadas. Estou feliz que a lâmpada esteja acesa. Planejo assistir sua boca me devorar desta vez.

Movo-me, apoiando nos cotovelos. Aqueles olhos castanhos intrigantes encontram os meus quando coloca a língua contra o meu centro e arrasta-a para cima. Seus olhos nos meus enquanto faz isso. É sexy. Ele me lambe novamente. Lento. Suave. Tão bom que quero gritar.

— Você gosta disso?

Aceno, porque minhas cordas vocais falham, mas consigo tirar um:

— Mmm-hmm.

Bram muda de método, chupando meu clitóris enquanto coloca dois dedos dentro de mim, com a palma para cima. Não sei o que está tocando e esfregando lá, mas é tão bom que quase morro. Mas não posso morrer. Pelo menos não antes de gozar. Não me sentirei assim se estiver morta. Ele faz a coisa empurrando/girando e meu corpo sacode com a primeira contração na minha pélvis. Então estou tão molhada que sinto escorrer. Minhas pernas ficam tensas, meus dedos se enrolam. Quero dizer. Meus dedos do caralho enrolam. É uma coisa real. Um calor formidável inunda meu rosto, pescoço, mãos e pés enquanto conduzo meu orgasmo ao máximo.

Bram surge lambendo os lábios.

— Não achei que fosse possível, mas seu gosto é ainda melhor depois de gozar. — Enfia os polegares no cóis da cueca e empurra para baixo. Sua ereção salta e aponta diretamente para mim, como se dissesse: você é a única, e estou vindo para você, virgem, então se prepare.

Não posso mentir. Apesar do quanto quero fazer isso, um pouco de pânico se instala em mim. Bram rasteja sobre mim e o toque de seu corpo na camisola de cetim agita outro conjunto de desejos. Encontra-se sobre mim uma vez que estamos cara a cara, o peso de seu corpo apoiado em seus braços pressionados no colchão de cada lado da minha cabeça. Seus olhos travam com os meus.

— Eu te amo com todo o meu coração. O que sinto por você não é passageiro. Não é algo que acabará uma vez que deixe de ser novidade. Meu amor esteve lá todo o tempo. Só precisava de um tempinho para me acompanhar. — Coloco meus dedos na parte de trás do cabelo dele e brinco com uma mecha dele.

— Quando estou em seus braços, sinto que tenho o mundo porque você é tudo que sempre quis. Sempre vi algo em mim que me separa do resto. E com você, eu sei que meu coração está seguro porque o amor que compartilhamos nunca acaba. — Coloco um beijo rápido contra sua boca e abro minhas pernas. — Só quero fazer a vida com você. — Bram se acomoda entre as minhas pernas e alcança se pau. Move a ponta para cima e para baixo no meu centro molhado, espalhando a umidade. Preparando-me.

— Eu te amo. — Empurra para dentro de mim lentamente, e arquejo quando sinto o alongamento e depois a picada ardente da minha barreira virginal se rasgando. É um tipo estranho de prazer e dor. Mergulha todo o percurso dentro de mim e, em seguida, para quando aperto suas costas com força, cavando meus dedos em sua pele. Leva apenas um momento para a sensação de queimação passar.

— Estou bem. Continue. — Ele fecha os olhos com força quando começa a se mover dentro de mim.

— Baby, você é tão gostosa. — Seu ritmo é lento no começo, acho que ainda tem medo de me machucar, mas todo golpe é deliberado e feroz. Ele puxa de volta lentamente e, em seguida, empurra com dominação completa. — Tão apertada e molhada. É incrível. — Balanço meus quadris para longe quando puxa para trás e os inclino para cima quando empurra. O movimento vem naturalmente sem qualquer pensamento. É como se minha pélvis tivesse um centro de controle próprio.

— Mais forte, Duke.

Ele se move mais rápido e bate mais profundo quando levanta minhas pernas para apoiá-las em cima de seus ombros. Sem misericórdia.

— Estou perto. Quero gozar dentro de você, mas preciso saber se é o que quer também.

— Simmm.

— Estou indo. — Bram morde o lábio inferior durante as últimas investidas, mas é o último que o faz gemer alto. Está profundo e imóvel, não deixando a força enraizar seu pau dentro de mim. E é assim que ele fica nos próximos minutos: dentro de mim, imóvel, exceto pelos beijos que distribui no meu rosto e pescoço. Aperta a sua testa na minha e sorri.

— Obrigado por me dar essa parte de você. Eu sempre irei valorizá-la.

— Nunca houve uma chance que daria a ninguém além de você.

Beija minha boca e sai lentamente de mim. Posso sentir imediatamente a bagunça molhada entre as minhas pernas. Empurra minhas pernas e sorri.

— *Cherry* apareceu oficialmente.

— Acho que isso significa que há sangue. Você parece extraordinariamente orgulhoso para alguém que provavelmente teve seus lençóis arruinados.

— Parece loucura, mas ver o seu sangue virginal nos meus lençóis provoca sentimentos poderosos dentro de mim. Isso reforça que sou o único homem que já teve você e quero que continue assim. — Bram fica ao meu lado e chego mais perto para colocar minha cabeça em seu peito. Posso sentir seu coração batendo forte contra o meu rosto. Seu braço envolve em torno de mim e jogo minha perna sobre a dele. Imagino que devemos nos assemelhar a uma dupla de trepadeiras entrelaçadas umas com as outras.

— Foi bom para você? — Não queria que a nossa primeira vez fosse ruim porque a minha virgindade o forçou a se segurar.

— Foi incrível, Claud. Sem brincadeiras. O melhor de todos.

— Bom. Porque quero fazer muito mais esta noite.

Quero que me foda em diferentes posições... E me segure pelo cabelo.

Bram levanta a cabeça do travesseiro para me olhar.

— O que sabe sobre as diferentes posições e cabelo preso?

— Leio livros e assisto filmes.

— Parece que está lendo e assistindo pornografia.

— Talvez um pouco. — Bram tem vinte e três anos. Tanto quanto odeio, ele é sexualmente experiente. Eu não sou. Nunca fiz nada com um menino além de beijar, e nem isso foi como a maneira que Bram devora minha boca. Por mais que pareça gostar da minha inexperiência, isso significa que não sabia como agradá-lo. — Eu queria te excitar. E queria que nossa primeira vez fosse perfeita, então fiz um pouco de pesquisa.

— Foi perfeito, baby. Nunca pense que não me excita. Estou reduzido a nada além de um idiota com tesão perto de ti. Totalmente viciado. Nunca me cansarei de você.

— Conheço o sentimento, nunca terei o suficiente de você também.

— Então é uma coisa boa que estaremos juntos para sempre. — Rolo de costas quando Bram se afasta e se senta. Em vez de ficar em cima de mim para a segunda rodada, abre a gaveta em sua mesa de cabeceira.

— Hora da sua surpresa de aniversário. — Toco o pingente de diamante na minha garganta.

— Não precisava me dar qualquer outra coisa, sei que este colar custou uma fortuna.

— Não foi. Mas isso... Isso foi dois meses de salário.

Dois meses de salário? Oh, misericórdia.

Bram segura uma caixa de veludo preto e abre o topo para revelar o mais lindo anel de noivado que já vi. Ouro Branco. Um solitário quadrado no centro cercado por um halo de diamantes menores. Meu anel de casamento dos sonhos.

Bram cai em ambos os joelhos e tira o anel da caixa.

— Nossa história começou com um amor e uma conexão que nenhum de nós poderia rotular ou entender. Isso é porque somos um conto de fadas que vive e respira. Não quero perseguir mais falsos felizes para sempre. Quero começar a viver o verdadeiro com você. É hora de fazermos a vida juntos.

— Eu não esperava isso. Estou atordoada e sem palavras.

Ele segura o anel entre o polegar e o dedo indicador.

— Diga que será minha esposa, Claud. — Zero hesitação.

— Sim, Sim, Sim. Eu serei sua esposa.

Bram pega o anel e coloca no meu dedo.

— É seu aniversário, mas sou o único que recebe o maior presente de todos.

Estendo minha mão em admiração.

— É o anel mais bonito que já vi. — Leva minha mão à boca e beija o topo.

— Claudia Laine Windsor. Parece bom.

— Isso soa bem. Parece perfeito.

— Quando quer dizer a todos?

— Agora? Quero que o mundo saiba que serei a Sra. Windsor.

— Pode esquecer isso. Nenhum de nós deixará esta cama tão cedo. — Ele se levanta e sobe em cima de mim.

— É só você e eu esta noite, Sra. Windsor.

— Tudo o que você disser, Sr. Windsor.

Capítulo Doze

Bram Windsor

Estou no meio da terceira rodada com Claudia quando a campainha começa a tocar incessantemente. O senso comum me diz que isso não pode ser bom. Ninguém aparece à sua porta no meio da noite, a menos que algo ruim aconteça. Paro de empurrar, apesar de estar tão perto de gozar.

— Droga.

— Quem você acha que é?

Moro em um complexo de apartamentos. Muita coisa louca acontece com os vizinhos. Por isso é uma das razões pelas quais quero conseguir uma casa o quanto antes. Especialmente agora que terei uma esposa.

— Poderia ser um vizinho bêbado. Ou talvez alguém esteja na porta errada. — Claudia acaricia a minha nuca.

— Não quero que atenda.

— Bem, pelo menos preciso olhar pela janela e me

certificar de que ninguém morrerá na minha porta.

— Não abra a porta se é alguém que não conhece. Nada de bom pode acontecer se um estranho está à sua porta tão tarde.

— Não discutirei com você, querida. As pessoas fazem loucuras. — Saio dela e xingo quando saio da cama, o filho da puta na porta não para de tocar a campainha. Puxo meu jeans. Sem camisa. Sem cueca. Não há razão para isso. Pretendo voltar para a cama e terminar o bolo da minha garota com um lindo chuvisco.

— Oh meu Deus. Eles têm que tocar a campainha quinze mil vezes? — Claudia se senta e alcança sua camisola sexy no chão.

— De jeito nenhum. Quero-a nua quando voltar para a cama. Não estou nem perto de terminar com você.

— Misericórdia, Duke. Nós fizemos isso três vezes. Achei que os caras precisavam de tempo para recuperar-se.

— Tecnicamente, foram duas e meio, o que realmente conta apenas como duas desde que não terminei. — Fui gentil, mais gentil do que queria ser. E tive certeza de que estava excitada o tempo todo. — Está dolorida? Precisa de uma pausa?

— Ah, não. Estou bem. Mais do que bem. Apenas

surpresa que fosse capaz de fazer isso novamente tão cedo.

— Bom. Porque tenho algo diferente em mente quando voltar.

— Diferente?

— Não se preocupe. Você gostará. Prometo.

— Estarei bem aqui, nua e te esperando.

— É bom que o filho da puta esteja sangrando. Essa é a única razão pela qual perdoarei quem quer que seja por interromper. — Olho pelas persianas antes de abrir a porta, com toda a intenção de pegar minha pistola se não reconhecer a pessoa do outro lado dela. Mas reconheço seu rosto.

Owen passa por mim quando abro a porta.

— Que porra está fazendo tocando minha campainha como um maníaco no meio da noite?

— *Que porra estou fazendo?* Eu acho que é mais como o que diabos você está fazendo? — Porra. Isso não é bom. Ele sabe? Owen descobriu que Claudia e eu estamos juntos?

— Do que está falando?

— É sábado à noite. Minha irmã deveria estar na casa de sua amiga, mas o carro dela está aqui e todas

as luzes estão apagadas. — Apenas olho para ele, sem dizer nada. Não estou preparado para mentir nem dizer a verdade. — Claudia está aqui? Você a acobertou para que pudesse esgueirar-se por aí com um cara?

Nada pode ser ganho mentindo neste ponto. Planejamos contar a todos amanhã de qualquer maneira.

— Não é assim que queríamos que você descobrisse.

— Descobrir o quê? — Tive essa conversa com Owen repetidamente na minha cabeça, mas juro que não consigo me lembrar de nenhuma das palavras que ensaiei. Estou em branco.

— Claudia e eu estamos juntos.

— Quer dizer que estão juntos porque ela está aqui agora?

— Não. Nós estamos em um relacionamento juntos.

— O caralho que você está. — Seu rosto se contorce.

— O. Caralho. Que. Você. Está. Filho. Da. Puta.

Sou o melhor amigo de Owen a vida inteira e ele nunca me olhou assim, como se quisesse me matar.

— Acalme-se, Owen.

— Não me acalmarei, porra. — Olha minha sala. — Onde ela está? — Não posso fazer isso. Não posso dizer que está na minha cama. Seus olhos ficam grandes. —

Porra. O quê? Estou tirando minha irmã daqui.

Ele se vira e segue em direção ao meu quarto, comigo em seus calcanhares. Agarro a parte de trás de sua camisa e parece que dezenas de pontos surgem quando o puxo para trás.

— Não abra essa porta, Owen. — Ele se vira e empurra meu peito. O poder por trás de seu empurrão é inesperado. Isso me faz tropeçar para trás, perdendo meu equilíbrio, assim como o aperto que tenho nele. Ele abre a porta e fica imóvel quando vê Claudia na minha cama com o lençol puxado até o queixo.

— Owen...

— Seu filho da puta. — Owen se vira e me soca no corredor, nós dois paramos no chão. Um soco e depois um segundo e terceiro e quarto. — Claudia é minha irmãzinha. Confiei em você com ela. — Não tenho vontade de me defender contra o ataque de Owen. Ele adora Claudia e sente a necessidade de protegê-la. Chutar minha bunda é a única saída que tem para a fúria que sente por mim agora. Entendo. E tem todo o direito de bater na minha bunda.

— Pare, Owen. Agora. — Claudia sai do quarto e tenta puxar Owen de cima de mim. — Bram não fez nada de errado.

— O caralho que não fez. — Owen vira e empurra

Claudia, fazendo-a perder o equilíbrio e colidir com a parede antes de cair no chão e tudo que vejo é vermelho. Envolver minha mão em torno de sua garganta e dominá-lo. Viro nossos corpos e suas costas batem no chão com um baque.

— Pode me bater o quanto quiser, mas nunca coloque um dedo nela, ou te matarei.

— Por favor, pare. Vocês dois... — Claudia grita.

Solto Owen, corro para Claudia e a pego em meus braços.

— Você está bem?

— Estou bem. — Suspiro aliviado e me inclino contra a parede, segurando-a em meus braços.

Em algum momento, ela colocou a minha camiseta e agora a estica sobre os joelhos para cobrir as pernas. Ela se enterra no meu abraço com o lado do rosto pressionado contra o meu peito. Beijo o topo de sua cabeça e acaricio seu cabelo do jeito que costumava fazer sempre que Owen e River faziam algo para aborrecê-la.

— Claud. Olhe para mim. — Ela fica completamente imóvel por um momento antes de olhar para Owen. — Sinto muito. Não quis fazer isso. Nunca a magoaria intencionalmente.

— O mesmo comigo, Owen. Nunca a machucaria

também. — Ele se senta e inclina-se contra a parede em frente a nós, com a mão no cabelo.

— Acha que pode usá-la e depois ir embora, e isso não a machucará? — Aperto firme a Claud.

— Não estou usando-a, nem mesmo um pouquinho, e definitivamente não vou embora. Nunca. Eu a amo.

Owen olha para mim como se estivesse enojado.

— Claudia é minha irmãzinha. De dezessete anos. Não pode amá-la.

— Ela tem dezoito anos. Eu posso e a amo. — Será que nunca viu o que existe entre nós?

— Você não vê Owen? Nunca importou a idade. Sempre a amei.

— Você sempre a amou? Afinal, o que isso quer dizer?

— Nós temos uma ligação especial. Sempre tivemos. — Vejo a concretização crescendo em seu rosto.

— Há quanto tempo anda brincando com ela?

— Sempre houve alguma coisa lá, mas nunca agimos sobre isso. Não até dois meses atrás. Não até começar a ensiná-la. Mas, mesmo assim, não toquei nela. Esta noite foi... A primeira vez. — Bem, não é exatamente toda a verdade, mas ele é irmão dela. Não precisa ouvir os

detalhes do que fizemos e não fizemos desde que entenda que não transei com ela um minuto antes de completar dezoito anos.

Owen balança a cabeça.

— Esquece de que somos melhores amigos a vida toda? Eu te conheço por dentro e por fora e não há como confiar em você com ela. Quebrará o coração dela.

— Claudia confia em mim. Acredita em mim quando digo que nunca a trairei. — Owen poderia muito bem saber o resto da história. — E é por isso que disse que sim quando a pedi para se casar comigo.

— Eu o amo. E ele me ama. — Claudia levanta a mão dela. — Veja? É oficial. Casarei com ele.

Owen balança a cabeça.

— Mamãe e papai sabem sobre essa porcaria?

— Mamãe sabe que estamos em um relacionamento, mas ninguém sabe sobre o nosso compromisso, além de você. Faz apenas algumas horas desde que ele propôs. — Owen fecha os olhos e pressiona a parte de trás de sua cabeça contra a parede. Sem dizer nada. — Owen, você pode, por favor, estar feliz por nós? — A voz de Claudia implora.

— Pode, por favor, entender que estou em choque aqui? — Owen olha para mim e aperta os olhos. —

Sempre a estragou e deu a maior parte de sua atenção.

— Porque mesmo antes, eu a amava. Não do jeito que faço hoje, mas ainda era amor.

— Você está certo, eu sabia que tinha algo, mas nunca imaginei que fosse algo assim. Estava certo em nunca me dizer como se sentia sobre ela. Eu bateria sua bunda no chão se soubesse que tinha algo assim acontecendo em sua mente.

— Não transforme isso em algo feio. — diz Claudia. Owen se levanta e fica sobre nós.

— Precisarei de tempo para pensar sobre isso.

Beijo o lado do rosto dela e sussurro:

— Eu deveria falar com ele, sozinho. — Levanto-me e ando com Owen até a porta para que possamos falar em particular. Fazer outra tentativa de ajudá-lo a entender. — Tente não deixar o jeito que descobriu sobre nós estragar a maneira como vê o nosso relacionamento.

— Você tem vinte e três anos e o encontrei com minha irmã de dezoito anos, nua em sua cama. Será difícil não deixar isso influenciar minha opinião sobre o seu relacionamento agora. — Owen não chegou a esse ponto em sua vida, pronto para o amor. Ele não tem vontade de se estabelecer com uma pessoa, ainda quer foder e esquecer.

— Você não entende o que temos, porque ainda não experimentou.

— Não estou bem com isso agora. Talvez fique um dia, mas não será hoje.

— Não preciso que esteja bem com isso hoje. Só preciso que tenha a mente aberta e ouça o que lhe digo: Claudia é meu coração. Meu tudo. Nunca farei nada para machucá-la.

— É melhor ter certeza disso antes de se casar com ela.

— Eu já tenho. Não há nenhuma dúvida em minha mente. Pertencemos um ao outro.

Sua testa franze e o canto da boca puxa para cima.

— Desculpe, bati sua bunda.

Ele está brincando?

— Você não bateu a minha bunda.

— Vá olhar para o seu rosto, se acha que não fiz, filho da puta. — Owen ri e vejo um vislumbre do meu melhor amigo, meu melhor amigo que um dia ficará bem com Claudia e eu juntos. Preciso deixá-lo ter esta pequena vitória.

— Ok, você fez. Bateu a minha bunda. — Owen me bate levemente no ombro.

— Droga, eu fiz. E farei novamente se for necessário. Então, seja bom para ela. — Um pouco de luz é revelada no final do túnel, e tenho certeza de tudo isso ficará bem.

— Não se preocupe.



Claudia está sentada no final da cama, roendo sua unha quando entro no quarto.

— Isso foi horrível, Duke.

— Essa não é a primeira vez que Owen e eu lutamos. Foi assim que ganhei meu apelido de você, lembra?

Rio quando me lembro de uma Claudia de seis anos em pé em uma cadeira no pátio assistindo Owen e eu lutando no chão por causa de algo que ele e River fizeram com ela. Duke ele, Bram. Duke ele bem. E foi assim que me tornei Duke. Foi o mesmo dia em que ganhou seu apelido de mim: Pombinha. Extraordinária guardiã da paz, o que ela obviamente não era, já que me ataçava para espancar seu irmão.

Claudia agarra meu queixo e vira meu rosto para o lado para que possa me inspecionar.

— Baby, você está sangrando. Venha comigo para que possamos te limpar. — Eu a sigo até o banheiro e me

sento no assento do vaso para que ela possa facilmente alcançar meu rosto. Estremeço quando passa uma toalha úmida no meu lábio partido. — Não acredito que Owen fez isso e você apenas deixou.

— Ele precisava desabafar sua raiva, devia isso a ele.

— Bem, ele poderia conseguir isso de uma maneira diferente sem arrebentar seu rosto bonito. — Ela não entende e não espero que faça.

— Garotas ficam bravas e guardam rancor. Dizem coisas maliciosas umas para as outras. É assim que seu gênero argumenta. Não nós. Um soco no rosto deixa alguém saber que você se sentiu injustiçado e está chateado com isso.

— Não gosto de ver dois homens que amo ir um para o outro com os punhos.

— Você gostava.

— Isso foi antes de qualquer um de vocês causar algum dano real.

— É um lábio partido sangrando. Nenhum dano real. Owen desabafou. Acabou agora.

— É melhor que seja porque não assistirei nada assim novamente.

— Owen ficara bem com isso, percebi antes que ele

saísse. Mas eu poderia ter outro soco ou dois vindo de River.

— Você certamente não. Tente dizer isso a ele.

— Não sei. Ele estava muito chateado naquela noite na minha sala de jantar quando nos viu de mãos dadas e professando nosso amor.

— River não tem voz. — Forma um círculo com a mão. — Zero. — Termina de lavar e inspecionar meu rosto. — O sangramento parou, mas estará machucado e inchado amanhã. Isso é ótimo, já que vamos ver meus pais. Faz-me querer chutar o traseiro de Owen por fazer isso.

Olho-a de pé em cima de mim na minha camiseta branca. Mamilos cutucando através do tecido de algodão fino. Mal cobrindo sua bunda. Não posso resistir e envolvo minhas mãos em torno de seu rosto.

— Você fica bem na minha camisa.

— Pareço melhor nela ou fora dela?

— Fora. — Não há dúvida sobre isso.

Claudia agarra a bainha e puxa para cima e sobre a cabeça antes de jogá-la no chão.

— E a calcinha?

— Fora. Agora. — Meus dedos já estão arrastando-a

pelas pernas antes que a segunda palavra saia da minha boca. — Pensei em fazê-la subir e me montar, mas o sanitário não é o lugar mais sexy pra isso. Acho que podemos fazer muito melhor. Hmm... O que devo fazer com você neste momento, pombinha?

— Tudo o que você quiser.

— Mmm... Amo essa atitude. — Levanto-me e uso minhas mãos para girar Claudia. — Você anda, eu dirijo. — Coloco as palmas das mãos em seus quadris e a guio até a sala em direção ao sofá. Ponho minha mão entre suas omoplatas e empurro seu rosto para baixo em direção às almofadas sobre o braço do sofá. — Quero-a apenas assim, curvada. — Hesita e imagino o que deve passar por sua mente. — Não tenha medo. Nós não faremos isso esta noite.

— Quero fazer isso em algum momento... Talvez depois que me acostume com o jeito normal. Quero te fazer feliz. — Passo minha mão pela sua espinha até os ombros e ela abaixa a cabeça, então fica perfeitamente posicionada para ser tomada.

— Você me faz muito feliz. Nunca pense o contrário. — Ainda está escorregadia de nossa brincadeira anterior, então meus dedos entram nela facilmente. Ela geme e balança de volta contra a minha mão, forçando meus dedos a irem mais fundo. — Acho que minha pombinha gosta disso.

— É gostoso. — Arqueia as costas e inclina sua bunda para cima. Mmm... Que visão. Vamos ver se sua boca corresponde com suas ações.

— Diga-me o que quer.

— Você, Duke. Quero você. — Sua voz está ofegante. Desesperada.

Tiro meus dedos dela, abro o botão da minha calça jeans e abro o zíper.

— Onde quer o meu pau?

— Dentro de mim.

— Então, o que eu posso fazer?

— Foda-me.

Esfrego a ponta do meu pau para cima e para baixo em sua fenda molhada.

— Sinto muito. Não posso te ouvir, Claud. Sua voz está baixa demais. O que disse que quer que eu faça?

— Foda-me! — Grita e empurra para trás, forçando o meu pau profundamente dentro dela. — Foda-me agora. — Vou mais fundo. Minha garota ganha um gemido de mim por isso.

— Você é uma pequena virgem exigente.

— Não sou mais uma virgem. Você cuidou disso mais cedo nesta noite.

— Está certa. Possuo sua virgindade. Possuo todos os seus orgasmos. Possuo sua boceta. Você é minha. Fui o primeiro a tê-la e nunca pertencerá a mais ninguém.

— Gosto quando diz essas coisas.

— Lembro-me de algo sobre puxar o cabelo. — Reúno seus cabelos e puxo levemente quando empurro mais forte. — Gosta disso, menina safada?

— Ohhh, Duke... porra... sim... não pare.

Diminuo o meu ritmo e chego ao redor com a minha mão livre para esfregar seu clitóris. Cada carícia. Cada golpe. Cada impulso. Tudo nos aproxima um passo da euforia que perseguimos.

Minha garota não precisa dizer as palavras. O gemido. O tremor. Os punhos cerrados. Eles me dizem tudo o que preciso saber.

— É isso aí, baby. Estou aí com você. Vamos cavalgar juntos. — Nós vamos juntos para aquele lugar, aquele em que explodi dentro dela, enchendo-a com uma parte de mim até estarmos sem fôlego e tremendo.

Ainda estou dentro dela quando me inclino para frente, longe o suficiente para o meu peito suado tocá-la de volta.

— Não tenho certeza se conseguirei fodê-la o suficiente.

— Temos o resto de nossas vidas para descobrir.

Beijo suas costas.

— É tarde, amor. Vamos para a cama dormir um pouco, temos um grande dia amanhã. — O maior dia de nossas vidas até agora. Porque é o primeiro dia do resto das nossas vidas.



Sweet
TORMENT

Capítulo Treze

Bram Windsor

Não importa se você tem meio metro de altura. Não importa se tem significativamente mais massa muscular. Não importa se pensou no homem como um segundo pai por toda a sua vida. Conversar com ele sobre se casar com sua filha de dezoito anos era assustador para caralho. E dizer-lhe que propôs e colocou um anel em seu dedo sem primeiro pedir a permissão dele, foi ainda pior.

Droga.

Amo Staci e Shane Bliss, mas as coisas não aconteceram do jeito que eu esperava. Eles foderam seriamente nossos planos de vida. Os pais de Claudia são educadores, educação é importante para eles. Acreditam que é crucial para ela ter sucesso na vida. Entendi. Também valorizo a importância do ensino superior. Droga, é por isso que tenho um mestrado em contabilidade. Mas Claud não quer ir para a faculdade, nunca quis. Nem o anel de noivado, nem os planos de nos casarmos motivaram essa decisão.

Opções foram debatidas. Alternativas foram discutidas. Concessões foram feitas.

Ainda estamos juntos, mas adiamos nossos planos de casamento, e Claud está programada para sair para a UT no final do mês.

Opção um: esperar dois anos e seus pais nos darão sua bênção se ainda quisermos nos casar antes dela se formar.

Opção dois: ir contra os seus desejos e... eu não sei. Talvez queimar no inferno por toda a eternidade? Porque é isso que fizeram parecer que aconteceria se Claudia não fosse para a faculdade.

Nós escolhemos a primeira opção e não fui feliz sobre qualquer parte do caralho dela. Isso foi há sete semanas e agora estamos em pé no meu banheiro, pairando sobre um bastão de plástico no balcão, esperando que revelasse nosso destino.

— Não há uma segunda linha.

— Apenas fiz xixi nele, Duke. Seja paciente. Não teve tempo para trabalhar.

Uma gravidez quebrará o acordo que fizemos com os pais dela. Claud não irá mais para a faculdade no final de agosto. Não esperaremos dois anos para nos casarmos, ela ficará aqui e será minha esposa e mãe para

o nosso filho.

— Porra, Staci e Shane ficarão chateados comigo.

E Owen... nem quero pensar em como ficará mal se ela estiver grávida. Não acreditarão que não a engravidei de propósito.

Olhamos o teste, observando e esperando uma linha rosa pálida aparecer. Ou não. Seus olhos mudam para olhar para mim.

— Que resultado você quer?

Eu me fiz a mesma pergunta desde que Claud me disse que não menstruou.

— Ficar grávida agora não é o ideal, mas quero casar com você. Se esse teste for positivo, isso acontecerá agora e não em dois anos, então não ficarei chateado com isso.

— Seu rosto relaxa.

— Não está bravo comigo?

— Por que ficaria bravo com você, baby?

— Eu era a encarregada do controle de natalidade, e talvez esteja grávida.

— O controle da natalidade ocasionalmente falha, mesmo quando tomado com perfeição. Acontece. Não é sua culpa se não funcionou.

— Quero me casar com você. — Claudia olha para mim. — É errado esperar que isso dê positivo, se isso significa que posso ser sua esposa mais cedo?

— Acho que não. Já falamos sobre bebês e concordamos que os queremos. Talvez o primeiro venha um pouco antes do planejado.

Claudia pega o teste de gravidez e vira para eu ver.

— Quer dizer, mais cedo como daqui a nove meses?

Duas linhas rosa. Não há dúvidas. Nosso destino foi selado. Nosso vínculo especial é mais forte do que nunca e não pode ser quebrado. Estaremos sempre conectados através do nosso amor um pelo outro. E agora através desta criança.

Claudia Laine Bliss. Minha pequena pombinha. É o rosto dela que vejo toda vez que fecho meus olhos. São seus lábios que desejo beijar. É o toque dela que desejo. Ela é a batida tangível do meu coração e o ar nos meus pulmões.

Claudia é meu amor. Minha melhor amiga. Quase minha esposa. E agora, a mãe do meu filho por nascer.

Para sempre minha.

Epílogo

Claudia Bliss Windsor

Bram e eu nos movemos em direção à cama, beijando-nos no trajeto. *Deus, meu marido foi insaciável esta semana.*

Ele tira minha jaqueta dos meus ombros e a joga no banco ao pé da nossa cama antes de puxar minha camiseta sobre a minha cabeça. Estou usando um sutiã de renda branca, não o meu mais sexy, mas meus peitos estão realmente cheios nele desde que ficaram maiores nas últimas semanas.

— Deus, amo muito seus peitos. — Acaricia cada um antes de puxar meu sutiã para baixo. Brinca com meus mamilos, observando-os endurecer, antes de sugar um em sua boca enquanto aperta ritmicamente ambos.

— Idiota insolente. Sei o que está fazendo.

Ele olha para mim todo inocente e puxa meu mamilo até que a sucção solta com um estalo.

— O que foi, Claud?

— Quer fazer com que meu leite desça. — O filho da mãe fica excitado quando meu leite vaza. — Você é tão esquisito.

— Não posso evitar, baby. Amo isso.

Alguns homens acham leite materno nojento, mas não meu homem.

— Terei contrações se continuar brincando com eles assim. — O que não necessariamente me decepcionaria se as contrações não fossem falsas. *Já estive lá, porque Bram com tesão não parou suas investidas.*

— Eu paro. — Ele só diz isso porque sabe que meus seios sempre vazam depois que gozo. Bram se abaixa para tirar minhas botas. — Deixarei as meias até o joelho, fazem-na parecer uma colegial safada quando está nua.

Abro meu sutiã enquanto puxa minha calça e calcinha pelas minhas pernas. Seguro seus ombros por equilíbrio, já que não tenho nenhum com essa barriga grande, mas ele não perde a oportunidade de enfiar o nariz entre as minhas pernas para cheirar e depois lambe minha fenda.

— Nunca terei o suficiente da sua boceta, Sra. Windsor.

Essa boca.

— Shh. Se Abraão ouvi-lo dizer isso, ele repetirá. E

eu morreria se dissesse isso na frente de nossos pais.

— Estamos a salvo. Os garotos estão cochilando.

— *Estamos a salvo.* Isso é uma piada. Nada sobre fazer sexo é seguro. Nós somos férteis. Casamos há cinco anos e quase três deles estive grávida.

— Baby, existe apenas três maneiras de não engravidar: Abstinência, o que não acontecerá; Anal, que estou sempre feliz em fazer; Ou você já estar grávida.

Bram não está mentindo. O controle de natalidade não funciona para nós, mesmo quando o usamos corretamente. Mas estou feliz que não. Nossas vidas seriam tão diferentes se aquelas pílulas anticoncepcionais funcionassem cinco anos atrás.

Amo e adoro nossos dois garotinhos preciosos: Abraão e Brady. Amo ser mãe deles. Não trocaria nada por eles ou pela nossa filhinha, Scout, cuja chegada aguardamos ansiosamente, mas estou pronta para não ficar grávida por um tempo.

Bram recua olhando-me da cabeça aos pés.

— Amo o seu corpo quando está grávida.

Outro dos seus estranhos fetiches. Ele me ama grávida e meus seios vazando leite.

Bram vem até mim e acaricia meu abdômen.

— Isso me excita muito.

Isso é bom, já que passei a maior parte do nosso casamento com a barriga inchada.

— Não é preciso muito para te excitar.

Desabotoo sua camisa e a empurro de seus ombros. Depois que está sem camisa, trabalho em suas calças enquanto sai de seus sapatos.

— Disse a você há muito tempo para nunca pensar que não me excita. Cinco anos depois e ainda não consigo me cansar.

Ele me puxa para perto e meu abdômen protuberante empurra contra seu abdômen plano e musculoso. Segura meus quadris enquanto abaixa os lábios no meu ombro e arrasta um beijo lento em direção à minha garganta.

— Quer que eu foda sua bunda?

Ele está brincando comigo?

— Estou grávida de nove meses, acha que quero sexo anal?

— O que acho pombinha, é que você sempre age como se não quisesse, mas realmente quer. Então faremos um acordo. Deixe-me tentar fazê-la querer. Se eu conseguir, foderei essa sua bunda apertada.

Bram sempre tentando fazer acordos para conseguir o que quer. Acho que o bebê número dois e três foram concebidos por causa de uma de suas negociações.

— Pode tentar o quanto quiser, mas garanto que não estou interessada em ter o grande Bram na minha bunda agora. — Muita pressão lá já, não preciso de mais nada adicionado a ele.

— Vamos ver, baby.

— Você está certo. Nós vamos.

Bram empilha vários travesseiros na cama.

— Curve-se e se apoie neles. Abaixei a cabeça e relaxe, deixe-me cuidar de você.

Sei o que a sua versão de *me deixar cuidar de você* significa, e o resultado sempre consiste em conseguir o que quer.

Bram começa na minha parte inferior das costas, massageando os músculos tensos e doloridos. *Sabe que sou louca por uma massagem nas costas quando estou grávida.*

— É bom, baby?

— Sim, você é muito bom nisso, mas ainda não quero seu pau na minha bunda.

— Apenas começando, Claud. Confie em mim,

desejará o grande Bram dentro de você.

— Mmm-hmm. — Ele espalha beijos na minha pele e se move para baixo. Continua descendo e sinto sua respiração quente na minha bunda, provocando-me antes de sua língua mover-se para cima. É bom, e não me importo se me foder gentilmente, mas ainda não estou abordo com anal.

Há muito mais pressão com esse bebê. O médico diz que é porque é o meu terceiro. *Ímpar. Não parece ser tão ruim no momento.*

Bram empurra o dedo pela minha fenda e depois circunda minha entrada, usando meus sucos para lubrificá-la.

— Posso foder sua boceta primeiro?

Primeiro. O idiota convencido realmente acredita que estará na minha bunda.

— Sim.

Entra em mim e empurra lentamente enquanto circula com o dedo o buraco que ele realmente quer.

— Isso é bom?

Não achei que seria, caramba, mas na verdade é.

— Sim.

Entra e sai de mim por alguns minutos.

— Quer o meu dedo dentro da sua bunda agora?

Porra. O filho da puta com tesão e amante de sexo está realmente me fazendo querer isso. Droga, parece uma derrota depois que fui tão enfática em não querer isso.

— Sim.

Balanço meus quadris para frente e para trás com seus impulsos quando o dedo dele escorrega para dentro. Isso não deveria ser tão bom assim. *E para onde diabos foi toda essa pressão pélvica?*

— Quer que eu adicione outro?

Porra, quero.

— Sim.

— Essa é a minha boa menina. — Coloca um segundo dedo e se inclina para beijar minhas costas. — Gosta disso, não é?

Não respondo porque odeio admitir que ele está certo, mas meu marido sabe a minha resposta pela maneira que estou em sintonia com ele.

— Não precisa me dizer, Claud. Sei o que você quer.

— Ele sabe. Sempre faz.

Bram puxa seu pau da minha fenda. Prevejo que vá entrar na minha bunda a qualquer momento, mas não faz. Espero mais um pouco, até esfrego contra ele para que saiba que estou pronta. Mas ainda não entra em mim.

— O que há de errado?

— Estou retardando. A última vez que deixei de entrar em você por um longo tempo, gozei em instantes quando fiz. Não quero gozar depois de dois golpes. — Sua declaração é um lembrete de que receberemos o mais novo membro da família Windsor amanhã. Meu médico disse que essa menina está grande demais para a minha pequena pélvis, então vou para o hospital de manhã para ser induzida, já que não entrei em trabalho de parto sozinha.

— Você não virá em dois golpes, então vá em frente, grande Bram.

Ele coloca em mim e geme:

— Porra! Isso é tão bom. — Puxa de volta e, em seguida, empurra lentamente novamente. — Isso está bom para você, querida?

— Mmm-hmm.

Ê. Como Bram, eu gosto de sexo anal, então somos uma combinação perfeita.

Bram estende a mão para esfregar meu clitóris. Ele é tão bom nisso. Fazendo-me gozar enquanto fode minha bunda. Tão bom. Cada. Segundo.

Fim.



Sweet
TORMENT

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!
Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.
Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL! Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita? Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!
Ajude a preservar o seu grupo de romance!
A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!
Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.
Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!
Seja esperta (o).